



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

LUIZA NUGOLI TAVARES

**ROSE NUGOLI:
A mamulengueira mestra**

Brasília
2024

Luiza Nugoli Tavares

ROSE NUGOLI:
A mamulengueiramestra

Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Cênicas,
habilitação em licenciatura, do Departamento de
Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade
de Brasília.

Orientadora: Prof. Dra. Fabiana Lazzari

Brasília

2024

À minha mãe, minha razão de viver. À Rose Nugoli, uma flor do mamulengo.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, Rose Nugoli, por ter aceitado mergulhar nesta pesquisa profunda e sincera, por nortear os saberes e desenvolvê-los com tanta maestria, sem ela nada disso seria possível.

Ao Seu Menino, Chico Simões, por me guiar em andanças não desbravadas, estar aberto a isso e por manifestar a verdadeira educação.

À minha irmã Clara Nugoli (Cáca), por ser um exemplo, por me cuidar e contribuir com a minha formação.

Às professoras Fabiana Lazzari e Maria Villar, por acreditarem na pesquisa e incentivarem minha escrita.

E a todas as meninas mulheres mamulengueiras, que já se encantaram para São Saruê, que ainda estão na lida mundana e aquelas que ainda estão por vir.

Tudo que sua mãe toca, ela transforma
(Célia Cristina Tavares Cursino, 2014).

Resumo: O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa, exploratória e historiográfica que conversa com a possibilidade da educação pela convivência, a teoria através da oralidade, com foco em uma abordagem de pesquisa-ação. Debate como o machismo estrutural de uma sociedade patriarcal, resulta no apagamento da mulher brincante, mamulengueira e mestra. A pesquisa se baseia na oralidade e na memória, incorporando histórias de vida, ensinamentos e tradições orais, especialmente no contexto da arte popular do Mamulengo, explorando a trajetória de Rose Nugoli, uma mamulengueira pioneira do Distrito Federal. Ao narrar sua própria história por meio de entrevistas, traz recortes não evidenciados de sua vida, enfatizando que o seu movimento pulsar é um manifesto presente de resistência e reparação. Apurando-se assim um reconhecimento para as meninas mulheres que acreditam nessa arte e principalmente, um reconhecimento à artista que ela precisou ser para se tornar quem é.

Palavras-chave: Mamulengueira; Escola; Mestra; Convivência; Mulher.

Lista de figuras

Figura 1: Rose na 4ª série primária, aos 10 anos	9
Figura 2: página 1 da lista dos ministrantes e participantes da oficina.....	10
Figura 3: página 2 da lista dos ministrantes e participantes da oficina.....	11
Figura 4:Flyer de Marechal Boi de Carro	13
Figura 5: Apresentação do Marechal Boi de Carro	13
Figura 6: Espetáculo U.S.F.O na I Semana de Arte de Taguatinga.....	14
Figura 7: Espetáculo Vida de Retirante, Rose e Miquéias.....	14
Figura 8: Passeata organizada pelo grupo	15
Figura 9: Rose	16
Figura 10: Rose	17
Figura 11: Rose na CONFENATA	19
Figura 12: Rose, Chico, Clara, Maricruz e Gabriel	19
Figura 13: Rose, Chico e Clara	20
Figura 14: Rose, Chico e Clara	21
Figura 15: Oficina do Mané Gostoso	22
Figura 16: Zé Regino, Chico e Rose. Espetáculo “O Boi Voador”	23
Figura 17: Rose e Chico no espetáculo “O Boi Voador”	23
Figura 18: Jornal Diário Oficial do Município.....	24
Figura 19: Jornal Diário Oficial do Município.....	25
Figura 20: Bloco Mamãe Taguá	26
Figura 21: <i>Mamulengo Presepada</i> na Festa Junina no Centro de Cultura Cósmica, Núcleo Rural Casa Grande	27
Figura 22: Rose na reforma do <i>Invenção Brasileira</i>	29
Figura 23: Reforma do <i>Invenção Brasileira</i>	29
Figura 24: Boi de Seu Teodoro.....	30
Figura 25: Rose na produção do <i>Circo da União</i>	30
Figura 26: <i>Boi d’Água</i> , Brasília	31
Figura 27: Mestre Teodoro no <i>Circo da União</i>	31
Figura 28: Rose na oficina de bonecos invenção brasileira.....	32
Figura 29: Shakespeare Mamulengo.....	33
Figura 30: Viola e Outras Prosas, <i>Invenção Brasileira</i>	34
Figura 31: Mestra Tetê, Viola e Outras Prosas, <i>Invenção Brasileira</i>	34
Figura 32: 55º aniversário de Brasília	35
Figura 33: <i>Festival Invenção Brasileira</i>	36
Figura 34: CENA Contemporânea.....	37
Figura 35: Ponto de encontro, CENA Contemporânea.....	38
Figura 36: MOVI Olhos.....	39

Figura 37: Rose e Luiza ministrando oficina de animação de bonecos MOVI Olhos. Vila Mamulengo, Olhos d'Água, GO. 2023.	40
Figura 38: Rose e Luiza no 6º <i>Bonecos de todo mundo</i>	41
Figura 39: Luiza, Rose e Rodrigo Lelis no 7º <i>Bonecos de todo mundo</i>	42
Figura 40: Nalva, Chico e Rose, Clara e Nara no <i>Mamulengo vai à escola</i>	43
Figura 41: Chico no <i>Mamulengo vai à escola</i>	43
Figura 42: Rose e Nalva no <i>Mamulengo vai à escola</i>	44
Figura 43: <i>Mamulengo Presepada</i>	48
Figura 44: <i>Boi d'Água</i>	49
Figura 45: Ana, Luiza e Maria	50
Figura 46: Ana, Luiza e Maria	50
Figura A- 1: Carlos Henrique Nugoli, Ana Soares da Silva, e Rose Nugoli.....	55
Figura A- 2: Ana Soares da Silva e Carlos Nugoli.....	55
Figura A- 3: Dante Antônio Nugolli	56
Figura A- 4: Anna Ferrari.....	56
Figura A- 5: Flora Maria de Jesus e João Soares da Silva.....	57
Figura A- 6: Flyer de Uma Pitada de Sorte	57
Figura A- 7: Apresentação do Marechal Boi de Carro	58
Figura A- 8: Rose na apresentação do Marechal Boi de Carro	58
Figura A- 9: Espetáculo Vida de Retirante, Rose e Miquéias no Teatro da Praça	59
Figura A- 10: Chico Simões e Mestre Solon	59
Figura A- 11: Rose e Chico na CONFENATA.....	60
Figura A- 12: De Brasil, los "Mamulengos" (Jornal da cidade)	60
Figura A- 13: Oficina do Mané Gostoso.....	61
Figura A- 14: Grupo Camaleão participa do FIT com a peça 'Viva o Boi Voador'.....	61
Figura A- 15: Rose e Chico no Ensaio de <i>O Boi Voador</i>	62
Figura A- 16: Rose, Chico e Zé Regino no Espetáculo <i>O Boi Voador</i>	62
Figura A- 17: Rose, Chico e Zé Regino no Espetáculo <i>O Boi Voador</i>	63
Figura A- 18: Rose, Chico e Zé Regino no Espetáculo <i>O Boi Voador</i>	63
Figura A- 19: Encontro Nacional de Teatro de Rua de Campinas	64
Figura A- 20: Clara e Helena na construção do galpão do boi	64
Figura A- 21: Rose e Clara à esquerda da Carroça de Mamulengos.....	65
Figura A- 22: Clara.....	65
Figura A- 23: Boneca Mamãe Taguá.....	66
Figura A- 24: Rose na Produção do <i>Mamãe Taguá</i>	66
Figura A- 25: Mestre Francisco	67
Figura A- 26: Flávia Feres, Rose Nugoli, Mestre Francisco e Leena Anjini.....	67
Figura A- 27: Luiza.....	68
Figura A- 28: Chico, Monalisa Cedro e Luiza no <i>Invenção Brasileira</i>	68

Figura A- 29: Luiza (acima da mala aberta) no <i>Invenção Brasileira</i>	69
Figura A- 30: Crianças no <i>Invenção Brasileira</i>	69
Figura A- 31: Rose no <i>Invenção Brasileira</i>	70
Figura A- 32: Oficina de Bonecos no <i>Invenção Brasileira</i>	70
Figura A- 33: Circo da União	71
Figura A- 34: Boi de Seu Teodoro no <i>Invenção Brasileira</i>	71
Figura A- 35: Boneca Cora Coralina e Rose	72
Figura A- 36: Rose	72
Figura A- 37: Presépio no barraco da Vila Mamulengo	73
Figura A- 38: Presépio no barraco da Vila Mamulengo	73
Figura A- 39: Nalva no Festival <i>Invenção Brasileira</i>	74
Figura A- 40: Léo Lima, Clara Nugoli, Nalva Sysnandes, Flávia Felipe, Rose Nugoli e Chico Simões no Festival <i>Invenção Brasileira</i>	74
Figura A- 41: Chico Simões, Mel Monteiro e Luiza plantando a árvore Baobá na Vila.....	75
Figura A- 42: Vila Mamulengo	75
Figura A- 43: Boi d'Água	76
Figura A- 44: Clara e Rose no <i>Bonecos de todo mundo – Ocupação do Invenção Brasileira</i>	76
Figura A- 45: <i>Bonecos de todo mundo – Ocupação do Invenção Brasileira</i>	77
Figura A- 46: <i>Bonecos de todo mundo – Ocupação do Invenção Brasileira</i>	77
Figura A- 47: <i>Bonecos de todo mundo – Ocupação do Invenção Brasileira</i>	78
Figura A- 48: <i>Bonecos de todo mundo</i> no Teatro SESI.....	78
Figura A- 49: <i>Bonecos de todo mundo</i> em Taguatinga/DF.....	79
Figura A- 50: <i>Bonecos de todo mundo</i> no <i>Invenção Brasileira</i>	79
Figura A- 51: <i>Bonecos de todo mundo</i> no Teatro SESI.....	80
Figura A- 52: Rose, Nara e Nalva no <i>Mamulengo vai à escola</i> em Taguatinga	80
Figura A- 53: <i>Mamulengo vai à escola</i> em Taguatinga	81
Figura A- 54: <i>Mamulengo vai à escola</i> em Taguatinga	81
Figura A- 55: Chico Simões no <i>Mamulengo vai à escola</i> em Taguatinga	82
Figura A- 56: Nalva Sysnandes, Ana Eliza, Bárbara Bueno e Rose Nugoli no CENA Contemporânea	82
Figura A- 57: Rose e Clara no CENA Contemporânea (CCBB, Brasília)	83
Figura A- 58: Lazzari e Luiza no CENA Contemporânea (UnB, Brasília).....	83
Figura A- 59: Luiza Brincando com a Rosinha do Mamulengo Presepada	84

Sumário

Introdução: Arlecchino e Mateus para Catirina	2
1.O início de tudo e quem era Rosângela Aparecida Nugoli	7
1.1 <i>Mamulengo no Distrito Federal (DF)</i>	7
1.2 <i>A criança e a adolescente que habitava em Rose</i>	8
2. Encontros, caminhadas e a formação do ser Rose Nugoli	16
2.1 <i>Mulher, mamulengueira e mãe</i>	16
2.2 <i>A cenógrafa e produtora</i>	25
2.A batida do tarol que reverbera	41
2.1 <i>Projetos</i>	41
3.2 <i>Rios que correm</i>	47
Considerações finais	52
Referências	54
Apêndice A: Álbum de fotos	55

Introdução: Arlecchino e Mateus para Catirina

Iniciei minha trajetória na Universidade de Brasília em 2019 e, desde o primeiro semestre, me perguntava como as pessoas conseguiam escrever um trabalho de conclusão de curso focado em apenas um único tema. Minha cabeça explodia só de pensar nisso, e eu não fazia a menor ideia do que iria escrever quando chegasse a minha vez. Mas, enfim, chegou a hora. Por muitos anos, convivi com um laboratório de pesquisa que, por ser tão presente em meu cotidiano, nunca o havia enxergado dessa forma. Foi um despertar perceber que minha infância, vida e trajetória ancestral poderiam fazer parte de meus estudos e que a linguagem popular, em sua linhagem tradicional e oral (não acadêmica) ganhariam este espaço.

Em março de 2023, tomei uma decisão que mudaria o rumo da minha monografia, embora eu ainda não soubesse disso na época. Enquanto o *5º Bonecos de Todo Mundo* (Festival Internacional de Teatro Popular de Bonecos) acontecia em Brasília, eu estava na Universidade Federal da Bahia (UFBA), participando de uma mobilidade experimental. Naquele momento, durante uma conversa casual com minha amiga e diretora, Letícia Aranha, compartilhamos nossas histórias, caminhos e anseios, o que me fez perceber que eu deveria escrever sobre a trajetória de minha mãe, Rose Nugoli, como mamulengueira.

Acredito que certas coisas acontecem por uma razão, e, embora tenha ficado dividida ao saber que o festival coincidiria com minha viagem à Bahia, ironicamente ou não, o tema para a minha futura monografia se apresentou para mim justamente quando eu estava longe de casa, das referências que o festival e minha mãe poderiam oferecer. Ao mesmo tempo, eu estava no berço do Mamulengo e perto das raízes de minha avó: no Nordeste. Tive muitos motivos para ir até Salvador, mas voltei para Brasília com um objetivo pulsante em meu coração.

Em abril de 2023, durante a disciplina Prática docente em formas animadas – teatro de bonecos, ministrada pela professora Maria Oliveira Villar de Queiroz, li o artigo *Mamulengo em Brasília* (2016) de Kaise Helena Ribeiro, publicado na Revista Móin-Móin. Enquanto lia, me deparei com o nome da pessoa que me deu a vida: minha mãe. Ver o nome dela publicado em um artigo pela primeira vez me fez chorar de emoção, algo que mal consegui conter. Depois de processar tudo o que havia lido e sentido, organizei algumas ideias para a monografia e liguei para minha mãe.

Contei o que estava acontecendo, chorei mais um pouco, e tivemos uma longa conversa sobre o processo. Naquele momento, ela ainda não sabia que eu iria escrever sobre a trajetória dela e se emocionou junto a mim quando contei. Curiosamente, quando mencionei que havia lido um nome que me emocionou no artigo, ela imediatamente pensou que fosse o nome de Chico Simões, pai da minha irmã mais velha. Chico, apelido de Francisco Simões de Oliveira Neto, foi casado com minha mãe e trabalha como brincante de Mamulengo há 40 anos no Distrito Federal (DF). Mas não foi o nome dele que me emocionou, e sim o nome dela, Rose Nugoli.

Às vezes, esses apagamentos na história ocorrem com frequência mas, nos atuais diálogos, fala-se muito sobre oralidade como teoria. No entanto, eu não posso deixar de destacar a grande importância de conquistar um espaço que, por vezes, não é acessível para muitos de nós. Por isso a minha felicidade em poder reconhecer, neste trabalho, uma das pioneiras entre as mulheres brincantes e mamulengueiras do Distrito Federal (se não a primeira). Embora minha mãe possa não ser oficialmente reconhecida como mestra, para mim, ela é uma verdadeira Mestre nos saberes artísticos e nas propriedades as quais domina. Dito isso, apresento aqui como cada uma das pioneiras contribuem com o cenário feminino no universo do Mamulengo, dentre as quais destacam-se Mestre Tetê (Terezinha Alcândida Borges), Neide Nazaré e Schirley França.

A começar pela Mestre Tetê, que adentrou no meio circense por meio de seu trabalho com sapataria, trabalhando em frente a um circo. Ela começou a fazer sapatos artísticos para os artistas do circo e, a partir daí, expandiu seu trabalho para a criação de bonecos, cenografias, figurinos e pernas de pau, que encantavam as crianças – inclusive eu, que aprendi a andar de perna de pau com ela. Neide Nazaré, por sua vez, é uma brincante que começou na palhaçaria e depois se tornou mamulengueira. É viúva do Mestre Zezito e, com ele, aprendeu o Mamulengo e a arte circense. Em 2006, após a perda de seu marido, Neide assumiu a companhia *Circo Boneco e Riso*, continuando o legado deixado. Por fim, Schirley França, outro nome feminino importante nesse meio, é brincante e integrante da companhia

Carroça de Mamulengos, começou atuando como Catirina¹ e passou a brincar com uma boneca gigante, a Boneca Felicidade, criada para ela durante a gestação de sua primogênita, que hoje tem 40 anos. Atualmente, Schirley continua brincando e contando histórias com essa mesma boneca.

Em outra conversa com minha mãe, tive a revelação de que ela não gosta do termo “Mestra”, pois, de acordo com ela, “este termo não me cabe”. Espero que minha monografia a faça entender que não é uma questão de título ou notoriedade, mas sim de reconhecimento. Sua história traça caminhos que afloram seus conhecimentos e aprimoram suas habilidades, formando pessoas, se especializando pela Universidade da Vida, aprendendo e convivendo com seus amigos de estrada e com seu mestre, o Mestre Francisco (Francisco Souza de Almeida).

O autor José Jorge Carvalho escreveu: “constatamos que os mestres e mestras dominam saberes das ciências, tecnologias, artes, política e espiritualidade” (2021, p. 61). Diferente dos mestres da cultura popular e acadêmica, Mestre Francisco era um Mestre espiritual, da casa de ayahuasca que minha mãe frequentava antes mesmo de eu nascer. Quando a questioneei acerca de quais mestres ela considerava seus mestres, na caminhada artística e na comungada da vida, ela respondeu: “Mestre Francisco, e só. As outras pessoas que tive contato só foram pessoas igual a qualquer outra pessoa”.

Mestres são aqueles que carregam e trazem consigo experiências, costumes e referências, por assim dizer, aqueles que detêm um notório saber, sejam eles Mestres tradicionais, religiosos ou brincantes:

[...] saberes indígenas, quilombolas, das tradições afro-brasileiras, artesanato, saberes da cura, tecnologias, culturas populares, entre tantos outros. Para operacionalizar o conceito de Notório Saber para os mestres tradicionais, propomos uma definição mínima de quem são os mestres oriundos de qualquer um dos grupos anteriormente mencionados, que devem incluir as seguintes características: b) assumem a missão de ensinar o que sabem, e por isso têm discípulos, assistentes, seguidores ou aprendizes, todos eles plenamente formados e em condições de assumir futuramente o papel de novos mestres (Carvalho, 2021, p. 60).

Considerando que, na educação, através da convivência, escolho respeitar e acolher a tradição milenar da oralidade, assim como defende Maria Queiroz: “a

¹Catirina e Mateus, são figuras de brincadeiras da cultura popular onde, no Mamulengo, eles fazem a ponte entre o espectador e os bonecos. Há quem diga também que eles fazem a ponte entre o nosso planeta Terra e as terras de São Saruê.

história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas destes também recolhe tradições” (Queiroz, 1991 *apud* Brochado, 2001, p. 4). Importante ressaltar que nem tudo foi possível resgatar e datar, tentei traçar uma linha cronológica e, por este motivo, para melhor entendimento da leitura, houve saltos de tempo e alterações em partes específicas das transcrições.

Assim, destaco, principalmente, escritas perspectivas e escritos de mulheres pesquisadoras e brincantes, a fim de construir a ideia da mulher mamulengueira como Mestra. Entre elas, abordaremos as contribuições de Izabela Brochado, Kaise Helena Ribeiro, Barbara Benatti, Schirley França, Luanna Ferreira da Silva e Fabíola Resende. Além disso, o trabalho conta com entrevistas com Rose Nugoli, figura central deste trabalho, assim como com Chico e Clara¹, para explorar mais profundamente a história de vida, ensinamentos e o conceito da “escola da vivência”. Esse enfoque será reforçado pela oralidade e memória, conforme defendido por Maria Queiroz através da própria Izabela Brochado, em uma abordagem de pesquisa qualitativa, exploratória, historiográfica, ou seja, uma pesquisa-ação.

No primeiro capítulo, foram abordadas as primeiras aparições do mamulengo no DF, as primeiras referências artísticas de Rose, sua entrada no grupo *Retalhos* e como conheceu o universo do mamulengo. Já no segundo capítulo, foi traçado o desenvolvimento de seu ser, trazendo a mulher, mamulengueira, mãe, cenógrafa e produtora que ela se tornou. Por fim, no terceiro capítulo, encerramos com projetos que ecoam nos dias de hoje, fazendo com que a cultura do Mamulengo permaneça viva.

No que tange a alguns dos principais nomes que aparecerão ao longo da pesquisa, traço aqui suas origens e cronologia: Nugoli, sobrenome de origem italiana, é proveniente de uma parte de minha família que é constituída por imigrantes, os quais vieram para o Brasil com a expectativa de uma vida melhor, em 1897. Meu avô, Carlos Nugoli (1934-presente), paulistano, filho de Dante Antônio Nugolli (1908-1975) e Anna Ferrari (1909-1981), também paulistanos. Neto por parte de pai de Angelo Nugoli (1882-1970) e Carmelinda Calleguere (1887-1978), dois italianos da região de Arezzo. Neto por parte de mãe de Pelegrino Ferrari (sem data) e Henriqueta Pavezi (sem data), ambos também italianos. Carlos Nugoli nasceu em Guararapes, no interior de São Paulo.

Mas, para além dos sobrenomes de origem italiana, também apresento Soares e Silva, ambos muito comuns no Brasil. Esse partilhamento de sobrenomes provém da colonização, uma vez que, mediante batizados e catequizações de indígenas e africanos, os nomes eram alterados por nomes cristãos, de origem portuguesa ou espanhola, pois tudo aquilo que não era cristão não possuía alma. Desse modo, se moldou a outra parte da minha família, minha avó Ana Soares da Silva (1937-2008), nordestina, baiana, filha de Flora Maria de Jesus (1912-2002) e João Soares da Silva (1911-1953), ambos baianos. Neta, por parte de mãe, de Clemente de Sousa Negro e Ana Constâncio das Virgens. Neta, por parte de pai, de Rafael José da Silva e de Domitília Rosa da Conceição (não foi possível identificar as datas de nascimento e óbito, bem como os locais de origem de nenhum dos quatro avós). Ana Soares da Silva nasceu em Jacaraci, no interior da Bahia.

Carlos e Ana se conheceram em Caramuru (SP) e começaram uma vida juntos. No dia 11 de novembro de 1963 em Guararapes, nascia Rosângela Aparecida Nugoli. Em 1969, meus avós e minha mãe, então com cinco anos de idade, migraram para Brasília, a fim de trabalhar na madeireira da família de minha tia-avó, onde foi o início de tudo.

Rosângela Nugoli, uma mulher de descendência nordestina e italiana, une duas referências, costumes e ricas fontes de saberes – o Mamulengo (Mateus) e a *Commediadell'Arte* (Arlecchino)² – que, juntas, colaboraram para dar origem à essa Catirina. Essa mulher que admiro como artista, brincante, produtora, cenógrafa, mamulengueira, minha mãe. Ela foi a espinha dorsal desta monografia, o ponto de partida de toda a pesquisa, tendo como escopo central a investigação de sua trajetória e de que modo ela ressoa nas pessoas e nos projetos ao seu redor. Minha hipótese é centrada no fato de que ela impactou e, até hoje, influencia na atuação do Mamulengo e das mulheres mamulengueiras do Distrito Federal.

² Esta referência se trata de uma licença poética e não de um contexto histórico.

1. O início de tudo e quem era Rosângela Aparecida Nugoli

1.1 Mamulengo no Distrito Federal (DF)

No Distrito Federal, o mamulengo, dentre várias manifestações artísticas nordestinas – como cordel e repente –, foi trazido pelos nordestinos que migraram para trabalhar na construção da capital do Brasil em 1956, como afirma Eliezer Faleiros de Carvalho³:

o diretor Mangueira Diniz cita as histórias que seu pai contava sobre a construção de Brasília, relatando que esses nordestinos faziam apresentações de teatro de bonecos nas carrocerias dos caminhões durante os intervalos de almoço e também em seus horários de folga. Além de Diniz, o ator e diretor Nivaldo Ramos também cita relatos sobre essas apresentações de teatro de bonecos. Essas apresentações aconteceram durante a construção de Brasília a partir do ano de 1956 (Carvalho, 2004, p. 25).

Esse é um relato do primeiro vestígio que temos sobre o princípio do mamulengo no DF. Dois anos depois, em 1958, surge outro depoimento, mais detalhado e cotidiano em relação às apresentações durante a construção de Brasília. Nesse contexto, seu Ramiro Brito, mais conhecido como Seu Cosme, paraibano e ex-operário que trabalhou nas obras da capital, diz o seguinte:

três rapazes que tinham uma mala grande, com uns bonecos, uns mamulengos, uns vestidos de mulher, outros vestidos de homem, tudo bem pintadinho, [...]. Estendiam aquela lona, com uns tocos que tinham lá, nós ficava da banda de fora, e aí ficava assistindo aqueles bonequinhos, fazendo aquelas graça... Era o divertimento da obra era esse, era assistir Mamulengo, Mamulengo vem do tempo antigo, era brincadeira, que foi primeiro que circo lá na terra da gente [...]. Eles guardavam aquelas malas dentro do alojamento [dos candangos], [...] era umas malas grandes assim, deste tamanho assim (mostra) cheias daqueles boneco [...]. O pessoal ria e acreditava em tudo aquilo. Não sabia que era Mamulengo. Os mais velhos sabia, mas tinha muita gente que acreditava que aqueles bonequinho falava mesmo. Era engraçado (Dossiê Interpretativo, 2014, p. 74)⁴.

Apesar do mamulengo ter migrado dentro da mala de alguns dos trabalhadores nordestinos, os quais brincavam com eles nos canteiros de obra, foi um folguedo sem registros de uma possível continuidade de sua prática.

³ Formado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, possui algumas produções bibliográficas focadas na história do teatro brasileiro e na interdisciplinaridade artística.

⁴ Trechos transcritos do vídeo pela coordenação de pesquisa do DF.

Porém, no ano de 1981, o mamulengo do grupo *Carroça de Mamulengos*, fundado em 1980 pelo Mestre Carlinhos Babau⁵ (Carlos Alberto Gomides de Freitas), chega em terras brasilienses se apresentando no *Projeto Plateia*⁶. Por ser um dado antigo de uma pesquisa feita antes de surgirem mais informações sobre a origem do mamulengo no DF, em seu mestrado *Distrito Federal: o mamulengo que mora nas cidades 1990 a 2001*, Izabela Brochado aponta:

no entanto, o Mamulengo, embora de procedência nordestina, só chegou ao DF duas décadas após a inauguração de Brasília, 1981, onde encontrou um solo fértil pela presença significativa de nordestinos no DF. Esta pesquisa revelou que a primeira apresentação de Mamulengo, no Distrito Federal, ocorreu, em 1981, realizada por Carlos Gomides, 48 anos, goiano de Gurupi e criado em Brasília (Brochado, 2001, p. 21).

A partir daí, a história do mamulengo no DF cria raízes que crescem até hoje e foi exatamente nesse encontro que Rose conheceu o que iria permear e transformar sua vida. Em entrevista, pergunto a ela como e quando conheceu o mamulengo:

a primeira vez que eu vi foi com o Carlinho Babau brincando, eu não lembro se foi numa escola, se foi numa feira, e aí eu já namorava com Chico e a gente tava... né... meio que fazendo as coisas juntos e aí a gente viu, e ele se encantou pelo Mamulengo e a gente não acreditava né, que aquilo tudo era uma pessoa só que fazia, porque ele brincava sozinho (Entrevista com Rose, 2024).

Além desse encontro corriqueiro com a arte do mamulengo, ela também confirma que ele também se deu por conta do *Projeto Plateia*.

1.2 A criança e a adolescente que habitava em Rose

Somente sete anos após as primeiras aparições do mamulengo em Brasília (1956) é que Rose iria nascer, em 1963, na cidade de Guararapes, interior de São Paulo. Com cinco anos de idade, em 1969, se mudaria para o Distrito Federal. Por volta de 1974, com 10 anos de idade, estudando na Escola Classe 10 de Taguatinga, Rose teve seus primeiros contatos com a arte:

[...] quando eu era criança, devia ter uns 10/11 anos que eu tive contato, meu primeiro contato né, que foi com cinema, que eu fui ver um filme italiano “Dio, como eu te amo!”, e que eu fazia algumas participações em

⁵ Carlinhos Babau é um brincante goiano, discípulo do Mestre Antônio Babau. Carlos é o fundador do Carroça de Mamulengos e hoje reside em Juazeiro do Norte (CE).

⁶ O *Projeto Plateia* foi desenvolvido em Taguatinga, no final da década de 70, com o objetivo de circular apresentações teatrais pelas escolas públicas da cidade satélite.

datas comemorativas na escola, que a gente dançava, que a gente interpretava(Entrevista com Rose, 2024).

No final dos anos 70 para início dos anos 80, com seus 16 para 17, Rose já estava cursando o ensino médio em uma escola no centro de Taguatinga, que na época se chamava EIT (Escola Industrial de Taguatinga), onde os estudantes tinham um ensino profissionalizante dentro do ensino médio regular.

Figura 1: Rose na 4ª série primária, aos 10 anos



Fonte: acervo familiar(Taguatinga/DF/1974)

Dentre as opções disponíveis, Secretariado, Administração, Contabilidade ou Magistério, Rose escolheu cursar o primeiro. Nesse meio tempo, minha mãe também teve a oportunidade de participar de uma oficina de teatro ministrada pelo grupo *HPapanatas*.

Quando eu fui fazer uma oficina, era adolescente, estudava na EIT e eu fui fazer uma oficina do *HPapanatas*, que é um grupo do Rio de Janeiro que veio pelo projeto, se eu não me engano era o projeto da Secretaria de Cultura, Fundação Cultural, não existia Secretaria de Cultura, era Fundação Cultural, aí eu fui fazer esse curso, que era duração de uma semana, aí no final tinha um espetáculo que era “Uma Pitada de Sorte” que era um texto da Alice que era uma das que ministrava o curso e aí estreou essa peça, a gente ainda ficou um pouquinho com ela e depois outras pessoas vieram para o grupo que foi onde começou o *Retalhos*, que foi quando eu comecei mesmo a fazer teatro (Entrevista com Rose, 2024).

Diversos estudantes das escolas públicas de Taguatinga, EIT (Escola Industrial de Taguatinga), CETN (Centro de Ensino Taguatinga Norte) e Centro Educacional N 04, participaram da oficina – incluindo algumas amigas que Rose mantém ainda hoje, das quais, enquanto alguns ainda atuam na área artística outros debandaram para outras áreas, e, por conta do tempo, acabou perdendo

contato. Para maior materialidade, apresentamos seus nomes impressos nas listas das figuras 2 e 3:

Figura 2: página 1 da lista dos ministrantes e participantes da oficina

GDF - FEDE - SEC - DGP
COMPLEXO ESCOLAR "C" DE TAGUATINGA

CURSO DE TEATRO

Paulo

Ministrado por:

- Eric Nielsen - Travessa Santa Leocádia 60 Antº 302
Tel. 257 7881 Conacabana - RJ
CEP. 22061
- Marcelo Canobiano - Rua Eng. Gama Lobo 650 C/50
Tel. 288 4656 Villa Isabel - RJ.
- Gustavo Cainbu Ariami - Av. Meira Souto 364/502 Tel. 227 2484
Inanema - RJ. CEP. 22420
- Angela Reis (Gigi) - Rua Soares Cobral 59/801 Laranjeiras-RJ.
CEP. 22240

Participaram do Curso:

EIT

01	- Paulo Sebastião das Neves	- ONF 11	casa 17 Tan. Norte.
02	- Fernando Monteiro Machado	- ONN 07	Conj. F casa 41 Ceil. Norte
03	- Schirley Pinheiro Franca	- OSF 09	casa 202 Tan. Sul Tel. 562 7906
04	- Marta Miranda de Oliveira		
05	- Lívia Alves Miranda	- OSB 16	casa 17
06	- Rosângela Matias	- ONB 12	casa 33
07	- Romildo do Nascimento	- ONF 18	casa 11
08	- Lucimar Rizzo	- ONO 11	Conj. I casa 19 Setor "0"
09	- Eliane Maria Cerqueira	- C 10	casa 14 Tan. Centro
10	- Janie Borges	- OSF 04	casa 421 Tan. Sul
11	- Mauro Chaves da Silva	- ONO 08	casa 05 Tan. Norte
12	- Cleuza Farias Neire	- C 02	Lote 22 Antº 101 Tel. 562 3039
13	- Emar Claudina	- ONF 14	casa 31 Tel. 563 1222
14	- Juscelino de Souza	- ONA 06	lote 02
15	- Celia Maria Pereira	- ONO 05	Conj. A casa 23 Setor "0"
16	- Honório Assis Crisnôm	- ONC 14	lote 09 Tel. 561 0441
17	- Raimundo Nonato C. Alves		
18	- Nivaldo Rodrigues	- ONE 28	casa 21
19	- Paulo César Mello	- ONN 10	Conj. B casa 59 Guarinhoba
20	- Francisco Aurélio D. P. Lemos	- ONJ 52	casa 11 Tel. 562 5904
21	- Germanico Monteiro	- OSD 37	lote 21 Tan. Sul
22	- Alexandre Batista	- ONL 07	Conj. J casa 08

Fonte: acervo Grupo Retalhos (Taguatinga/DF/1979)

Figura 3: página 2 da lista dos ministrantes e participantes da oficina

23 - Rosângela Nugoli	- ONM 36	Conf. T casa 15	Tel. 581 3027
24 - M ^{te} . Lucia Guaraciaba Calvoso	- OSC 12	Lote 14	Tel. 561 3019
<u>CETN</u>			
25 - M ^{te} bia Ma. dos Santos	- ONO 15	lote 28	Tel. 562 8239
26 - Wilson Gomes da Costa	- ONC 07	lote 26	
27 - Miqueias José da Paz	- ONL 03	Conf. D casa 18	Tel. 562 7277
28 - Alvaro de Souza B. Neto	- OSC 04	lote 15	Tel. 561 3819
29 - T ^{ca} nia Regina Duarte	- OND 05	casa 02	Tel. 562 5125
30 - Eber Pereira da Silva	- ONP 30	Conf. D casa 30	
31 - Marcio Rodrigues	- CNB 06	lote 14 Ant ^o 105	Tel. 562 9784
32 - Mariza Gomes	- ONM 25	Conf. G lote 01	
33 - Rita de Cassia Tiberh	- ONA 39	lote 14	
34 - Gilvan Amaral Peixoto	- ONE 10	lote 38	Tel. 561 0755
35 - Hercules S. Bisinotto	- ONE 12	lote 05	Tel. 562 4074
36 - Ana Francisca M. Nina	- ONL 04	Bloco D Ant ^o 310	
37 - Arley Felive dos Santos	- ONF 12	lote 18	Tel. 562 1549
38 - Glaucia Maria	- ONG 43	casa 38	Tel. 562 9284
39 - Edilene Ma. Alves	- ONL 10	Conf. G casa 17	Tel. 563 5106
40 - Wesley S. Toledo	- OND 65	lote 10 Ant ^o 101	
<u>CENTRO EDUCACIONAL Nº 04</u>			
41 - Francisca de Paula	- OSC 13	casa 16	Tel. 562 4244 Tag. Sul
42 - Erondes Ai da Silva	- ONM 18	conf. D lote 08	Tel. 581 2004
43 - Jader S. Neira	- OSD 47	casa 17	Tel. 562 7377
44 - Haroldo Barbosa	- ONA 37	lote 36	
45 - Maria Jovina de Miranda			
46 - Eloisa Ma. Costa	- OND 60	lote 01	
47 - Carlos Alberto M. de Castro	- ONC 03	lote 01	Tel. 562 3552
48 - Sueli Alves de Assunção	- OND 53	lote 29	
49 - Hilda Costa Nello	- OND 51	lote 07	
50 - Terezinha Fatima Costa	- ONG 19	lote 14	
51 - Eugênio da S. Nascimento	- ONH 07	lote 52	

Fonte:acervo Grupo Retalhos(Taguatinga/DF/1979)

Nessas listas, aparecem os nomes de Schirley França, Carleuza Farias, Raimundo Nonato (Natinho), Paulo César Melo (Pepê), Alexandre Batista (Xande), **Rosângela Nugoli (Rose Nugoli)**, Miqueias Paz e Marcio Rodrigues (Marcinho)⁷. Os quais não só participaram da oficina do *Hpapanatas*, mas permaneceram e colaboraram na fundação do *Grupo Retalhos*⁸.

⁷Schirley atua no grupo *Carroça de Mamulengos*, Carleuza deu aula de artes por muitos anos e hoje é professora aposentada, Natinho hoje é cerigrafista e tem a loja Mercadinho do Natinho no Conic, Pepê é funcionário público e trabalha na Câmara dos Deputados, não encontramos informações sobre o Xande, Miqueias atua como mímico, e Marcinho se tornou engenheiro elétrico.

⁸ O *Grupo Retalhos* foi um grupo teatral muito importante de Taguatinga, formado por estudantes a partir da oficina do *Hpapanatas*. Além de suas performances cênicas, o grupo se destacava pelo seu engajamento político, apoiando movimentos sociais e defendendo a democracia.

Nessa época, o então Teatro da Praça era apenas um auditório, não funcionava ainda como um teatro, e foi lá que a oficina aconteceu. Ninguém imaginava que ali seria o início de muita história. Foi a partir dessa oficina que muitos participantes se descobriram aspirantes à arte e à cultura e se apresentaram para um público pela primeira vez. Logo, podemos compreender que ela foi o estopim para a criação de uma referência de arte e militância, o chamado *Grupo de Teatro Retalhos*.

Teatro da praça foi “Uma Pitada de Sorte” porque o projeto, a oficina foi dada lá, aí eles foram embora, aí a gente continuou, pediu para a escola, como a gente era aluno da escola, a gente pediu para continuar né, com um grupo lá ensaiando, pesquisando, então a gente continuou dentro do teatro, que na verdade ele era mais usado como auditório para formatura né, dos alunos, para palestras, aulas ou então provão, ele não era meio que teatro né, era mais um auditório, e a gente meio que trabalhou e isso em teatro, aí não tinha recurso, não tinha refletor, não tinha nada, aí a gente conseguiu uns refletores lá na Fundação Cultural, eles instalaram e a gente ficou lá trabalhando (Entrevista com Rose, 2024).

O *Grupo de Teatro Retalhos* se tornou representativo em Taguatinga, quem chegava para assistir ficava inspirado.

Os espetáculos teatrais que acompanharam esse período foram; Marechal Boi de Carro de Joaquim Cardoso, Uma Pitada de Sorte de Alice Reis, Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto e U.S.F.O Uma Satélite Fora de Órbita, criação coletiva do grupo, montado a partir de uma pesquisa de campo onde dezenas de atores buscam seus "personagens" e seus dramas, às vezes trágicos, às vezes cômicos, na vida real da cidade de Taguatinga (Simões, 2020, p. 37).

Os mais motivados pediam para compor o grupo, jovens adultos que corriam atrás daquilo que acreditavam e transformaram isso em linguagem teatral. Eram diversos os espetáculos (alguns representados nas figuras 4-7), “[...] depois veio o *Projeto Plateia* que a gente se inscreveu e aí fizemos várias apresentações, muitas, tipo sei lá 50/60 apresentações em escolas, era sempre em escolas” (Entrevista com Rose, 2024).

Figura 4: Flyer de Marechal Boi de Carro



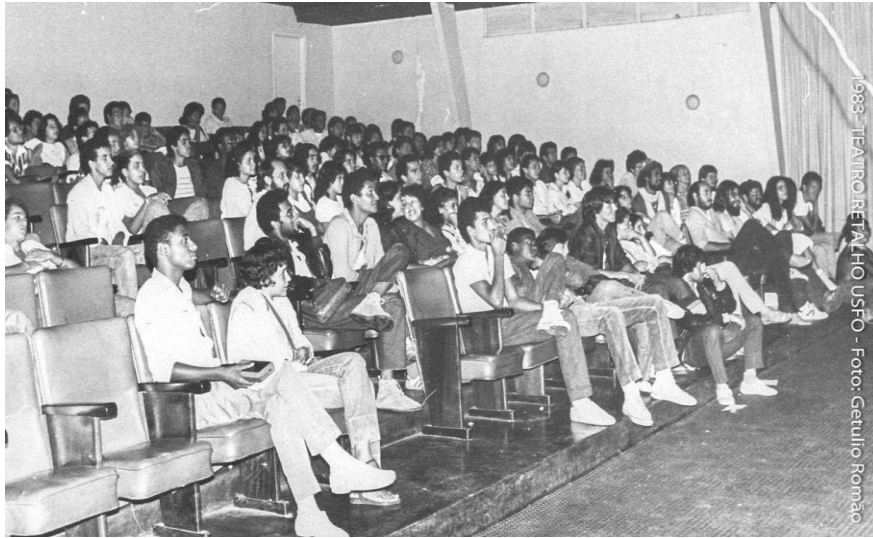
Fonte: acervo Grupo Retalhos(Taguatinga/DF/1980-84)

Figura 5: Apresentação do Marechal Boi de Carro



Fonte: acervo Grupo Retalhos(Praça do Relógio, Taguatinga/DF/1982)

Figura 6: Espetáculo U.S.F.O na I Semana de Arte de Taguatinga



Fonte: Getulio Romão (Teatro da Praça, Taguatinga/DF/1983)

Figura 7: Espetáculo Vida de Retirante, Rose e Miquéias



Fonte: acervo Grupo Retalhos (Teatro da Praça, Taguatinga/DF/1982)⁹

⁹ Uma memória pessoal de anos atrás: ao perguntar pra minha mãe de quem ela estava grávida na foto (eu ou Clara), ela simplesmente disse “Nenhuma, era uma barriga de pano da personagem”.

O *Retalhos* vivia um momento de muita luta e reivindicação, baseando-se na cultura como uma das principais ferramentas para a educação.

[...] alguns vieram do curso (oficina do *Hpapanatas*) e outros entraram conforme ia conhecendo, sabendo que tinha né um grupo de teatro na EIT, porque não tinha grupos de teatro igual a gente né, porque a gente foi muito forte, aí então teve uma visibilidade grande em Taguatinga e as pessoas começaram a se interessar [...] o *Retalhos* ele tinha uma atuação muito forte assim, tanto culturalmente quanto politicamente, que a gente abraçava, que a gente era de esquerda, a gente ainda tava vivendo momentos da ditadura, então a gente era contra, a gente saía nas ruas, a gente panfletava, a gente falava, né (Entrevista com Rose, 2024).

Assim, é evidente como o grupo ia além das apresentações, engajando-se politicamente e fazendo questão de estar de corpo presente nas pautas, especialmente quando o assunto era políticas públicas, como é possível observar na figura 8:

Figura 8: Passeata organizada pelo grupo



Fonte: acervo Grupo Retalhos(Taguatinga/DF/1983)

Foi durante esse período que Rose conheceu Chico Simões, após sua entrada o grupo Retalhos, para atuar e dirigir os espetáculos.

2. Encontros, caminhadas e a formação do ser Rose Nugoli

2.1 Mulher, mamulengueira e mãe

Rose e Chico partiram juntos para o Espírito Santo para assistir ao *Festival de Teatro de Bonecos*. Durante esse festival, o Mestre Carlinhos Babau se apresenta, e Chico conhece sua brincadeira de fato, e a partir daí, começam a colocar o pé na estrada atrás de um sonho, que lhes proporcionou muitos encontros.

[...] de lá (ES), a gente foi para Ouro Preto, aí depois nós fomos para uma oficina em São Luís do Maranhão onde estavam Carlinhos Babau, a Schirley, Zé Regino, a gente ficou uns três meses morando em São Luís do Maranhão, aí fazia teatro, fazia a pesquisa, aí a gente foi para Olinda, Recife, Fortaleza e aqui (indicando na foto) Juazeiro do Norte, que eu fiz as pesquisas da cultura popular, reizado, guerreiro, aí fotografava, levava um negócio que era mais ou menos desse tamanho assim (indicando o tamanho com as mãos) que era o gravador e aí as fitas K7, aí eu fazia a captação de imagem e som das manifestações de lá (Entrevista com Rose, 2024).

Nesse meio tempo, entre 1983 e 1986, Rose e Chico começam a brincar juntos, como é possível observar nas figuras 9 e 10, e o *Mamulengo Presepada* nasce em 1984.

Figura 9: Rose



Fonte: acervo familiar(Juazeiro do Norte/CE/1986)

Figura 10: Rose



Fonte: acervo familiar(Juazeiro do Norte/CE/1986)

Chico descreve a participação de Rose no início de *Mamulengo Presepada* em entrevista:

é fundamento, nasce praticamente junto né, e tudo que é feminino aí né, a personagem, eu não fazia personagem, ela que fazia esse personagem, então a Margarida, a Rosinha, a Quitéria, personagens femininas¹⁰, ela fazia e é claro as personagens carregam, sejam elas quem for, entendeu? São três personalidades diferentes da Margarida, da Rosinha e da Quitéria, não é? Carregam da pessoa que brinca, então ela brinca as personagens femininas, ela funda as personagens, ela funda o feminino no Mamulengo Presepada (Entrevista com Chico, 2024).

É evidente nessa fala de Chico como as camadas sociais estão, de alguma forma, enraizadas nas pessoas, no cotidiano, por este motivo nem sequer cogitei perguntar sobre isso naquele momento, mas certamente o assunto iria surgir. Chico também comenta sobre o machismo, uma questão que tanto envolveu naquela época:

[...] então quando uma coisa aparece, o machismo aparece na própria brincadeira né, aí é que a gente vai refletir sobre o machismo na própria vida. A brincadeira também revela isso né, então a participação dela é fundamental e muito importante nisso, que ela fazia esses personagens e foi aí que a gente foi construindo e à medida que a gente ia construindo, aos trancos e barrancos na nossa relação também, embora a gente às vezes, nem falasse desse conflito, só sentia o conflito desse apagamento, que eu chamo de apagamento, invisibilizar, o apagamento mesmo, social. Uma das coisas do machismo é esse apagamento, então ele tá presente, então ela é fundamental, mas não aparece, é um alicerce, é uma base e não só na brincadeira, mas também no questionamento do relacionamento (Entrevista com Chico, 2024).

¹⁰Rose relatou que, por vezes, também brincava com o Jaraguá e o João Redondo.

Logo, apesar de o próprio Mamulengo, em sua tradição, ser uma brincadeira e uma ferramenta que dá voz aos julgados subalternos pela sociedade, o machismo ainda assim é presente. Nesse sentido, a pesquisadora Barbara Benatti relata sobre mulheres brincantes ou aquelas que exerciam outra função tão importante quanto, porém eram sempre ocultadas:

parto da hipótese de que elas sempre estiveram presentes, embora invisibilizadas, tanto nos trabalhos de manufatura, quanto nos bastidores da brincadeira, em que raramente assumiam a posição de protagonistas. [...] O predomínio da tradição ruralista e a falta de acesso às informações, de modo geral, colocavam as mulheres ou em estado de aceitação dos modelos de vida impostos pela sociedade patriarcal, ou sem condições contextuais de rompê-los. [...] escondidas nos bastidores, as mulheres – que estavam ali inteiramente a serviço dos homens – eram sempre invisibilizadas (Benatti, 2017, p. 60-61 e 65).

Em outra citação, Benatti traz uma referência à Cida Lopes, brincante de Glória do Goitá (PE) do grupo *Mamulengo Alegria*:

seu relato é baseado em memórias da sua infância, quando ela assistia ao trabalho da mãe nos bastidores, sempre escondidinha, realizando tarefas sem visibilidade nem reconhecimento (Benatti, 2017, p. 64-65).

Essa fala me contempla muito, porque é um dos motivos pelo qual escrevo esta pesquisa. É sobre ver a minha mãe trabalhando exaustivamente em funções que somente ela tinha/tem a tal da “responsabilidade” e carregava sozinha. Esforço dobrado, tripla jornada, mas nenhum reconhecimento, nenhuma menção ao seu nome. Minha mãe conquistou muitas coisas boas, mas se não fosse pelo patriarcado e machismo estrutural, teria conquistado muito mais e sem tanto custo. Assim, acredito que a escrita é a nossa luta por uma reparação.

Quando eu voltei da viagem de Juazeiro, aí eu voltei grávida, 1986, aí aqui (indicando na foto) eu já brincava de Boneco, isso aqui é em Ouro Preto, Festival da CONFENATA - Confederação Nacional de Teatro Amador [...] Aí depois disso a Clara nasceu e fomos para a Argentina, Clara com 26 dias de idade e voltamos ela tinha 8 meses, depois Uruguai e depois voltou para a Argentina, aí a gente foi convidado para um festival de teatro de rua e aí desse festival foi aparecendo outro festival, foi convidando, aí fizemos amizade com outros grupo aí os grupos “não, fica aí” e aí a gente foi ficando, aí conhecemos nesse que eu tô grávida (Rose indicando, na foto que ela está grávida, em Ouro Preto), conhecemos Maricruz e Gabriel que é do Uruguai, aí eles já tinham feito o convite, como a gente tava pertinho a gente foi para casa deles, ficou lá um tempo, então tudo nessa nossa trajetória de 8 meses lá, foi através de convite de outros festivais (Entrevista com Rose, 2024).

Seguindo a estrada, em 1986, Rose estava grávida de Clara e, durante seus nove meses de gestação, ela brincava, apresentava-se, viajava, era uma força da natureza, como é possível observar nas figuras 11, 12 e 13:

Figura 11: Rose na CONFENATA



Fonte: acervo familiar(Ouro Preto/MG/1986)

Figura 12: Chico, Rose segurando Clara, Gabriel e Maricruz agachada.



Fonte: acervo familiar (Argentina, 1986)

Figura 13: Chico e Rose segurando a Clara



Fonte:acervo familiar (Uruguai, 1987)

Mesmo com a Clara muito pequena, eles não deixavam de se apresentar, estar com um bebê era um desafio, mas não um obstáculo. Ambos tiveram que se adaptar, sobretudo Rose, a quem os cuidados da maternagem sobressaem com maior carga e responsabilidade. Rose compartilha um pouco de como foi a experiência:

era super tranquilo, nós tínhamos um case que a gente levava os bonecos, as coisas né, aí dentro do kaiser tinha um colchãozinho, eu só levava um lençolzinho limpo, aí eu botava o colchãozinho, o lençolzinho, ela deitava e ficava ali, atrás da tolda, atrás mesmo da tolda, a gente dentro da tolda brincando e ela ali e eu abria [o pano de fundo da tolda] pra ver se tava tudo bem, mas eu não fazia isso na rua, fazia só no teatro, ainda tinha isso, porque quando ela tava acordada sempre tinha uma pessoa amiga junto com a gente que ficava olhando, na escola não tinha quem, assim, ela ia no colo das menina tudo, as menina ficava cuidando dela, as vezes eu fazia com ela no colo, eu já fiz com ela amamentando, levantando boneco, ela amamentando em um braço e levantando boneco no outro, porque ela tava com fome, ela ia chorar, aí eu botava ela, tinha um negocinho também que eu botava ela deitadinha amarrada [*babybag*], então quer dizer, eu fazia com ela literalmente grudada em mim, presa em mim (Entrevista com Rose, 2024).

Figura 14: Clara, Chico e Rose

Fonte:acervo familiar.(M Norte/Taguatinga/DF/1987)

Entrevisto Clara, que me descreve um pouco acerca de como foi sua percepção de infância nesse contexto:

era uma coisa muito normal, porque era o trabalho do meu pai e da minha mãe, eu não tinha essa consciência de que era um trabalho diferente e aí para mim era tipo: ai hoje minha mãe tá me levando pro trabalho. Era assim que eu me sentia e eu levava uma revistinha, levava uma boneca. Eu comecei em algum momento achar chato ir, porque eu já tinha visto várias vezes aí tipo: ah de novo. Então é mais nesse lugar, era muito no lugar de trabalho de pai e mãe, sabe. Uma coisa que eu acho importante assim de quando eu era criança, foi eu não trabalhar quando eu era criança, porque normalmente as famílias que trabalham com Mamulengo as crianças tão tudo lá trabalhando, e eu nunca trabalhei, nunca me colocaram pra trabalhar e isso eu acho muito bom, primeiro porque eu acho que criança não trabalha independente do que for, e segundo porque eu tive a opção de não estar ali, porque imagina se eu começasse a trabalhar como criança ali provavelmente eu ficaria trabalhando com aquilo, mas eu tiver opção de trabalhar ou não, de ser artista ou não, de fazer produção ou não, de trabalhar com veterinária ou não, porque isso não foi uma coisa imposta para mim, então eu acho que isso é uma coisa que difere um pouco a infância de outras crianças que né estão nesse contexto que eu estive e eu acho que foi muito importante, eu acho que foi de muito bom senso do meu pai e da minha mãe (Entrevista com Clara, 2024).

Me identifico nessa fala da Clara, isso porque a mim também não me foi imposto tais trabalhos. Às vezes, no contexto da universidade, eu brinco que, por conta do histórico familiar, eu fui “obrigada” a cursar Artes Cênicas. Como numa

família de médicos, arquitetos, advogados ou qualquer outro trabalho/vocação/curso que possa transparecer uma ideia de herança. Mas não, não herdei essa incumbência, assim como a Clara, eu também pude escolher. Minha sensação é que hoje não sinto que fiz uma escolha errada, estou onde devo estar e, acima de tudo, onde quero estar.

Dentre muitas idas e vindas de viagens pelo Nordeste e pela América Latina, Rose, Chico e Clara sempre retornavam para casa carregando a bagagem de roupas, bonecos e experiências a serem compartilhadas. Vivendo isso, eles decidiram abrir as portas de sua casa e na garagem começaram a oferecer a *Oficina do Mané Gostoso* (figura 15), compartilhando suas experiências, ampliando as possibilidades de trabalho além das apresentações com o Mamulengo, como também realizavam oficinas e cursos para a comunidade.

Figura 15: Oficina do Mané Gostoso



Fonte: acervo familiar (M Norte/Taguatinga/DF/1987)

No final dos anos 80 para início da década de 90 (figuras 16 e 17), Rose e Chico, com a Clara pequena, como já mencionei anteriormente, viajavam se apresentando, passando por muitos lugares, conhecendo pessoas, culturas, outros tipos de brincadeiras e participando de diversos festivais.

Figura 16: Zé Regino, Chico e Rose. Espetáculo “O Boi Voador”



Fonte: acervo de Ivaldo Cavalcante (Ceilândia/DF/1990)

Figura 17: Rose e Chico no espetáculo “O Boi Voador”



Fonte: acervo de Ivaldo Cavalcante (Ceilândia/DF/1990)

Uma caminhada que também serviu para reencontros. Nesse meio tempo, o *Mamulengo Presepada* abriu portas para outros integrantes, explorando novas possibilidades, assim como relata Chico:

[...] o grupo ficou *Mamulengo Presepada* até que eu e Rose, mais o Zé Regino e o Nilsinho decidimos fazer uma temporada, viajar de turnê no interior de São Paulo, também um período muito muito interessante e o Miltinho e o Algodão não iam, aí eles falaram “não, então vamos desfazer o grupo” dividiu o grupo, aí eu falei “não, vocês ficam com o nome”, aí eles ficaram com esse nome *Mamulengo Presepada*, então esse nome *Mamulengo Presepada* ficou um tempo com Miltinho e Algodão, um estandarte também, tinham dois estandarte com esse nome, e a gente foi para Campinas, aí nessa nova formação que era eu, Rose, Zé Regino e Nilsinho, Nilsinho já fazendo só produção, já não brincava né e ele ia na

frente vendendo os espetáculos, a gente nessa nova formação, aí a gente criou essa *Associação Cultural Camaleão* que existe o CNPJ até hoje, representando o Inversão Brasileira¹¹ (Entrevista com Chico, 2024).

Além disso, o grupo *Camaleão* apareceu em diversos artigos de jornais durante meses, anunciando a chegada de um grupo, trazendo oficinas e conhecimentos que comungam de diversos brinquedos da cultura popular. Dentre os artigos, apresentamos aqui os jornais: Diário de Bauru, Diário Oficial do Município e Folha de São Paulo. Para maior materialidade, apresento aqui uma citação de um dos jornais e registros fotográficos dos artigos:

o grupo foi formado em Brasília e percorre várias regiões do Brasil mostrando o verdadeiro sentido do teatro de bonecos. O camaleão existe há mais de 10 anos e já esteve em países latinos como Argentina, Uruguai, Nicarágua, Panamá e Bolívia. A base do trabalho de pesquisa e das apresentações do camaleão são os elementos da cultura popular que compõem o Bumba-meu-boi, Reisado, Mamulengo, Pastoreiro e outros. O grupo é formado por três artistas, Chico Simões, Rose Nugoli e José Regino. Eles estão instalados em Campinas e desenvolvem oficinas nas casas de culturas. No final de semana apresentam-se na lagoa no Taquaral e na feira hippie da Praça Carlos Gomes. O camaleão vai coordenar oficinas no Festival Internacional de Teatro (FIT) que está sendo organizado pela Unicamp e Secretaria de Cultura (Jornal Diário Oficial do Município, Campinas, 1991).

Figura 18: Jornal Diário Oficial do Município



Fonte: Campinas, São Paulo, 1991

¹¹A Invenção Brasileira é um dos primeiros pontos de cultura do DF, será introduzido mais a frente neste trabalho.

Figura 19: Jornal Diário Oficial do Município



Fonte: Campinas, São Paulo, 1991

2.2 A cenógrafa e produtora

Em meados de 1994, Rose e Chico se separaram enquanto casal e ela retornou para Brasília, deixando-o em Campinas (SP) com a mala de bonecos e a Margarida¹². Enquanto Chico continuou brincando até retornar com o Mamulengo Presepada¹³, o qual segue até hoje; Rose, por sua vez, passou a atuar também em funções de produção em Brasília. Junto a outros colegas artistas, incluindo a Mestra Têê, fundou o *Mamãe Taguá*¹⁴ (figura 20), em 1995, primeiro bloco de carnaval de rua com bonecos gigantes de Taguatinga. Esse bloco foi seguido pelo *Menino de Ceilândia*, o primeiro do Distrito Federal. Segundo Rose, o objetivo era “fazer um carnaval diferente, com um bloco de bonecos gigantes igual aos de Olinda” (Entrevista com Rose, 2024).

¹² Chico conta que em sua primeira apresentação sem Rose foi também a sua primeira vez fazendo a Margarida, durante uma brincadeira na casa do escritor Rubem Alves (Campinas/SP).

¹³ Em um dado momento Miltinho e Algodão saem do *Mamulengo Presepada*, devolvem o nome para o Chico que acaba assumindo o *Presepada* e o *Camaleão*.

¹⁴ Disponível em: <https://carnavalesca.org/2018/02/23/bloco-mamae-tagua>

Figura 20: Bloco Mamãe Taguá



Fonte: acervo familiar (Taguatinga/DF/1995)

Ao mesmo tempo em que Rose começava a adentrar na produção, também entrou no *Celeiro das Antas*, onde continuou fazendo teatro com Zé Regino, Humberto Pedrancini, Marta Carvalho, entre outros. Enquanto atuava nessa parte executiva e administrativa dos movimentos culturais, outras portas se abriram para Rose: seu nome foi um dos indicados para assumir a Regional de Cultura de Taguatinga. Inicialmente, ela não quis aceitar a vaga, mas depois aceitou a posição de assessora da Regional. A partir daí, oportunidades nessa área foram surgindo cada vez mais para Rose.

Depois que eu voltei de Campinas, eu não voltei sem fazer teatro, eu continuei fazendo, fiz Moby Dick. Uns 7/8 anos que a Clara tinha, nessa fase de trabalhar, porque eu passei Clara com 8 anos até 14, quando você nasceu né, nessa fase aí eu fiz teatro, fiz Celeiro das Antas¹⁵, fiz Balão com Zé Regino, fiz várias coisas, aí depois eu fui para Regional de Cultura de Taguatinga, da Regional de cultura eu fui gerente do Teatro da Praça, eu trabalhei na Fundação Cultural, o Teatro da Praça foi fazer uma reforma e aí não tinha ninguém para acompanhar, eu já entrei acompanhando e quando terminou eu fui gerente, aí eu pedi as contas porque era muito difícil, acho que eu trabalhei um ano e meio dois anos lá. Até aí foi a história ainda

¹⁵ Celeiro das Antas é um grupo de teatro brasileiro que surgiu em 1991 e que é ativo até os dias de hoje.

fazendo teatro, trabalhando na Fundação Cultural (Entrevista com Rose, 2024).

Rose traçou todo este caminho até 1999, quando surge uma nova responsabilidade (neste caso, essa “responsabilidade” era eu) que a faz percorrer um outro caminho, por um tempo:

[...] aí depois eu fiquei grávida de você, aí eu parei tudo, ficava muito no Centro (Casa de Ayahuasca Centro de Cultura Cósmica Suprema Luz, Paz e Amor), fui trabalhar em outros ramos porque eu tinha que sobreviver, aí eu fui trabalhar em oficina mecânica, fui trabalhar vendendo coisas, eu inventava coisas e vendia [essas “coisas” eram artesanato em biscuit] (Entrevista com Rose, 2024).

Logo, começou a trabalhar em outros ramos, fazendo outras coisas, porque precisava sustentar uma adolescente e um bebê que estava a caminho. O teatro e as produções culturais não estavam dando conta, então, naquele momento, naquela realidade, se fez necessário o período de Rose no Centro de Cultura Cósmica (figura 21), um momento de sua vida que não discorrerei por ser algo particular.

Figura 21: *Mamulengo Presepada* na Festa Junina no Centro de Cultura Cósmica, Núcleo Rural Casa Grande



Fonte: acervo familiar (1999)

Chega, então, o ano de 2002, que trouxe consigo o desenvolvimento do *Invenção Brasileira*, fundado por Chico Simões, ponto de cultura localizado no

Mercado Sul¹⁶, uma ocupação em Taguatinga. Assim, caminhos se cruzam novamente, possibilitando novos encontros e outras perspectivas. O *Invenção Brasileira* recebe este nome em homenagem ao Mestre Solon (Solon Alves Mendonça), um dos mestres que ensinou Chico e Rose e que deu ao *Presepada* seu primeiro terno de bonecos. Eles o conheceram em São Luís (MA) e os visitavam muito em Carpina (PE), onde Mestre Solon morava. No ano de 1987, foi chamado pelo governo para ser homenageado durante um evento na Casa do Pernambuco, em Brasília, uma viagem que não acabou bem, pois, ao tentar atravessar o eixão, foi atropelado e não resistiu. O Mamulengo do Mestre Solon se chamava *Nova Invenção Brasileira*.

Rose, então, começa a trabalhar no *Invenção*, ajeitando determinadas coisas a fim de iniciar um ponto de cultura¹⁷. Contudo, em um local novo sempre há coisas para serem afinadas até engatarem de fato e, assim, surgem algumas produções. Como consequência, adentra mais fundo no ofício da produção executiva e administrativa, assim como na arrumação e restauração, o qual ela exerce até hoje. Dessa forma, Rose se consolida mais uma vez como uma peça-chave, ao se integrar e assumir diversas funções, como descreve Chico:

quem segurava a estrutura toda, a organização, cuidava né, quem cuidava de tudo era Rose, do *Invenção Brasileira*, né. É uma fundadora e era a coordenadora, administradora, todas essas reformas que você viu (durante a vida e nas fotos) ela que fez, ela que coordenou, eu não, obra construção eu nunca liguei muito a isso não, mudar telhado, forro, todas essas coisas, até hoje que quando eu quero alguma coisa aqui (Vila Mamulengo) falo “não, vai ser você, vai ser a mestre de obra”. Arrumar, arrumar mesmo assim né, então ela sempre foi quem fez reforma, cuidou, arrumou, fez diferente, mudou isso para aqui, mudou para lá. O *Invenção Brasileira* é ela quem faz isso o tempo inteiro, ela quem cuida do *Invenção Brasileira* o tempo inteiro, pessoa central, fundamental (Entrevista com Chico, 2024).

Nesse contexto, Clara, aos 16 anos de idade, passou a trabalhar no *Invenção*. Suas tarefas consistiam em abrir e fechar o espaço, atender ao telefone, tirar xérox, transcrever documentos passando a digitalizá-los, ou seja, as primeiras funções do escritório de um ponto cultural.

¹⁶ Mercado Sul é uma ocupação localizada em Taguatinga Sul (DF), se trata de uma comunidade social que ocupou lojas abandonadas da região com movimentos culturais e políticos.

¹⁷ Os Pontos de Cultura são entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura para desenvolverem ações socioculturais em comunidades.

Figura 22: Rose na reforma do *Invenção Brasileira*



Fonte: acervo familiar (Taguatinga Sul, 2005)

Figura 23: Reforma do *Invenção Brasileira*



Fonte: acervo familiar (Taguatinga Sul, 2005)

Entre os anos de 2003 e 2005 eles realizaram algumas edições do *Circo da União*, um projeto que contemplava diversas linguagens da cultura popular e proporcionava encontros entre essas linguagens. Em entrevista para a presente pesquisa, Rose descreve um pouco o projeto:

o *Circo da União* começou no parque da cidade, a gente fez em Águas Lindas, fez no *Boi de Teodoro*, fez em Olhos d'Água, fez em Anápolis. O *Boi de Teodoro* foi para Olhos d'Água e o *Boi d'Água* recebeu eles, *Boi d'Água* veio para o *Boi de Teodoro* e o *Boi de Teodoro* recebeu eles aqui (BSB), foi uma uma troca de visita, de apresentações e de festa (Entrevista com Rose, 2024).

Alguns dos registros que se tem das edições estão misturados, tanto em locais quanto em datas, como é possível observar nas figuras 24-27:

Figura 24: Boi de Seu Teodoro



Fonte: acervo familiar (Olhos d'Água/GO/sem data)

Figura 25: Rose na produção do *Circo da União*



Fonte: acervo familiar (sem local, 2003)

Figura 26: *Boi d'Água*, Brasília



Fonte: acervo familiar (2003)

Figura 27: Mestre Teodoro no *Circo da União*



Fonte: acervo familiar (sem local, sem data)

O *Circo da União* foi grande para eles naquela época, uma vez que esse projeto lhes deu visibilidade e oportunidade. Seguiram dessa forma até o ano de 2008/2009, assim como descreve Rose:

depois do *Circo da União* aí a gente abriu um leque grande, aí começamos fazer projeto e aí começou a contemplar né os projetos, aí a gente fez *Viola e Outras Prosas*, a gente fez o ponto de cultura, a gente ganhou, que acho que foi dois anos do projeto direto, então a gente fazia várias coisas, aí a gente também tinha um apoio do Sesi, aí dava aula no Sesi de teatro, foi quando a Fabíola e a Lu Meireles foi pra lá, pra oficinas, depois a gente fez oficina também lá em Brazlândia, então era assim, foi muito trabalho nessa época (Entrevista com Rose, 2024).

Figura 28: Rose na oficina de bonecos invenção brasileira



Fonte: acervo familiar (Taguatinga Sul, 2004)

Já no que tange às oficinas (figura 28), elas vieram acompanhadas de muitas brincadeiras, uma delas foi o “O Romance de Romeu + Julieta”, representado pela capa do Correio Brasiliense do ano de 2003 (figura 29). Mediante esse cenário, Rose descreve como foi a experiência de subir boneco depois de anos sem brincar:

fazer o Romeu e Julieta foi quando eu tava fazendo produção no invenção e aí eram 20 apresentações pelo FAC e o Chico fez 2 ou 4 e faltava o restante, então 16 a 18 apresentações, aí ele teve que fazer cirurgia de emergência, aí ele falou “Rose me substitui, brinca com o Walter até eu voltar” porque não dava pra ele fazer, tava cheio de ponto, pós cirúrgico, aí eu fui, aí foi super legal, super gostoso de fazer e aí ele falou ah não, continua aí, o Walter disse que tá de boa” e aí eu fiz todas as apresentações, que era pra eu fazer só 2 ou 3 até ele né conseguir levantar o braço, andar e tudo direitinho, aí eu fiz o restante tudo e foi a última vez que eu brinquei. Eu nem tava, nem ensaiei, nem era da produção de fazer boneco, de ensaiar, da história, não participei de nada, aí de repente veio o texto, aí fui no susto e fiz, foi a última vez (Entrevista com Rose, 2024).

essa ideia de fogão a lenha móvel, que a gente pudesse transportar um fogão (Entrevista com Chico, 2024).

Figura 30: Viola e Outras Prosas, Invenção Brasileira



Fonte: acervo familiar (Taguatinga Sul, 2006)

Figura 31: Mestra Tetê, Viola e Outras Prosas, Invenção Brasileira



Fonte: acervo familiar (Taguatinga Sul, 2006)

Entre os anos de 2010 e 2024, Rose participou de inúmeros projetos, tanto em edições únicas quanto em edições consecutivas. Dentre esses projetos enfatizamos os que mais marcaram a trajetória de Rose e aqueles que ainda estão presentes: *Folia de Reis*, *Carnavais*, *Aniversários de Brasília*, *Festi SESI*, *Festival Invenção Brasileira*, *MOVI Olhos* e *CENA Contemporânea*. Devido ao fato de Rose ter feito várias edições em diferentes projetos ao longo desses 14 anos, nesta seção não iremos traçar uma linha cronológica, pois não temos registros concretos das diferentes edições. Isso também se deve ao avanço da tecnologia e a introdução à

internet, o que fez com que certos materiais se perdessem pelo caminho no meio digital, impossibilitando a recuperação de tudo.

Dentre seus numerosos trabalhos, Rose já atuou como produtora no *Encontro de Folia de Reis*, além de montar a decoração e materializar a famigerada cozinha. No carnaval de Brasília, cada produtor tinha um bloco no qual era responsável por dar condições e atender demandas, outro ofício realizado por ela, bem como no aniversário de Brasília, onde atuou como produtora na área de recreação com dois circos, três tendas, palco, brinquedo inflável e diversas atividades para divertir 20.000 crianças. Em ambos os projetos ela foi contratada diretamente pela Secretaria de Cultura do DF.

Figura 32: 55º aniversário de Brasília



Fonte:acervo pessoal da Rose (Brasília, 2015)

Além disso, Rose também produziu o *Festi SESI*, um dos grandes eventos realizados pelo *Invenção*. Pessoas de todo o Brasil eram trazidas e ocorriam diversas manifestações populares. Na cantina do SESI, montavam a casa de farinha do festival, onde eles descascaram a mandioca, ralavam, apuravam a farinha, e faziam o biju, também tinha feira de artesanato, espetáculos e, em uma das edições, contaram com a presença do escritor Ariano Suassuna.

Em uma das edições, o SESI não pôde realizar o festival e, como alternativa, o *Invenção* remanejou o evento para o Taguaparque e nomeou-o como *Festival Invenção Brasileira* (figura 33). Nesse dia, havia um circo com apresentações de teatro de bonecos, quadrilha, música, feira de artesanato, gastronomia típica. No entanto, para que tudo isso pudesse se concretizar, fazia-se necessária a construção de uma cozinha que, mais uma vez, foi montada por Rose sozinha. O festival teve um resultado positivo, marcado por um público e produção do evento que, juntos, plantaram no local 6.000 mudas doadas pela Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil).

Figura 33: *Festival Invenção Brasileira*



Fonte: acervo familiar (Taguaparque/DF/2013)

Em 2011, Rose migra para o *CENA Contemporânea* (Festival Internacional de Teatro de Brasília) (figura 34), onde permanece até hoje. Ela inicia seus trabalhos na produção executiva em um teatro de bolso do CCBB, que hoje se tornou um depósito de equipamentos técnicos. Nos vários anos de CENA, Rose já produziu no Espaço Cultural Renato Russo, nas unidades de teatros do SESC e no nosso querido Teatro Nacional, por intermédio de seu ofício no Festival CENA.

Figura 34: CENA Contemporânea

Fonte: Brasília, 2016 (acervo CENA)

Lembro-me de acompanhá-la nas montagens das peças na sala Martins Pena, como eu não podia ficar no palco, explorava cada centímetro possível. Cada corredor da plateia era um lugar diferente na minha imaginação, dois andares de camarim e, do segundo para o terceiro andar, tinha uma passagem secreta através de uma escada em espiral que dava para o começo da plateia. Hoje não faço ideia se ainda existe, mas era um dos meus lugares favoritos da vida.

No ano seguinte, já atuando na produção, Rose expandiu sua atuação para a área de cenografia. Quando não era possível trazer a cenografia de um determinado espetáculo, ela a reproduzia, utilizando fotos e vídeos disponíveis. Rose entrava em contato com o grupo para receber as orientações corretas e, a partir disso, criava réplicas, comprava materiais específicos, restaurava, modificava, ou, em casos mais complexos, contratava um serralheiro ou marceneiro. No entanto, nem sempre havia recursos suficientes para contratar mão de obra.

Rose também passou a se envolver com os pontos de encontro dos eventos, que, em edições anteriores, eram realizados no compartimento externo do Museu Nacional da República. Esses pontos de encontro incluíam shows, jantares em grupo e rodas de negócios, onde os artistas tinham a oportunidade de vender seus espetáculos para outros festivais. Infelizmente, o ponto de encontro (figura 35) não é realizado no CENA há seis edições.

Figura 35: Ponto de encontro, CENA Contemporânea



Fonte: acervo CENA (Museu Nacional da República/Brasília/2015)

É importante mencionar que seu papel não era gerir, mas produzir, pois ambos os termos podem ser confundidos dependendo das referências de cada leitor, ela não era uma contratada dos espaços, e sim do festival. Para maiores esclarecimentos, Avelar cita:

produtor executivo: embora possa parecer o contrário, o produtor executivo é subordinado ao produtor ou diretamente ao artista. É o profissional que executa a produção de terceiros, sem o peso da responsabilidade pela obtenção dos recursos e sem o risco financeiro (Avelar, 2010).

Ou seja, Rose não era simplesmente produtora, mas produtora executiva. Diferente do que o Avelar afirma, acredito que não seja o profissional que executa a produção de “terceiros”, e sim a produção do projeto. Fato que pude analisar ao longo de seus 14 anos na CENA, pois sua principal função foi a de produção executiva.

Presenciei ela trabalhando até às 2 horas da manhã, e retomando suas atividades às 6 horas no mesmo dia. Nessa função, ela assumia muitas responsabilidades, como: recepcionar artistas no aeroporto, conduzi-los ao hotel e ao restaurante, acompanhar e auxiliar nas montagens de espetáculos, gerenciar a entrada e saída do público, coordenar a chegada e partida dos artistas, organizar o camarim, supervisionar a desmontagem e despachar tudo depois.

Em resumo, todas as atividades realizadas no teatro sob a coordenação do produtor são de sua responsabilidade. Caso ocorra algum imprevisto, como um

problema de saúde, ela acompanhava a pessoa ao hospital e assegurava a segurança da pessoa ou do grupo. Em entrevista, Rose conclui:

[...] de todos os jeitos a gente consegue reverter e atender, isso desde produção à equipe técnica, equipe técnica também sempre muito maravilhosa. Por isso que o Guila¹⁸ sempre fala né, que o CENA é uma família, a gente ensina que ali ninguém trabalha só, CENA é um festival que é único para todos, nada é individual, tudo é no coletivo pra dar certo no final, eu gosto do CENA, amo o CENA Contemporânea (Entrevista com Rose, 2024).

Um dos mais recentes projetos realizados foi o *MOVI Olhos (Mostra Feminina de Vozes, Danças e Violas)* (figuras 36 e 37), o qual Rose descreve em entrevista:

MOVI Olhos surgiu a ideia quando a gente não quis mais assim, entre aspas, “não quis mais” fazer a folia, mas gosta de viola caipira, aí tivemos essa ideia de fazer um projeto lá para Olhos D’água dentro do das secretaria de cultura dos Goiás, como Olhos d’Água é um lugar né que é Goiás, Goiás é viola caipira, e aí a população gosta muito então a gente resolveu fazer esse projeto, aí ele foi aprovado e fizemos dentro da Vila Mamulengo, só com mulheres, eram só violeiras, a produção era de mulher, toda, fotografia era uma mulher, intérprete de libras, tudo tudo era mulher, mestra, assistente de produção, as oficinairas eram todas mulheres, então a gente puxou pra esse universo feminino. Aí além desses que eu já citei tivemos uma feira de artesanato também com as produzidas por mulheres artesãs, nada impedia que os homens fossem né, mas quem chegou lá foi só as mulheres mesmo, a gente tinha comida típica feita por mulher, o bar também era de uma mulher, então tudo ao redor né direto ou indiretamente, a gente fez o projeto com 75% de pessoas que moravam em Olhos d’Água e 90% com mulheres(Entrevista com Rose, 2024).

Figura 36: MOVI Olhos



Fonte:Alice Lira, Cinese Audiovisual (Vila Mamulengo, Olhos d’Água/GO/2023)

¹⁸Guilherme Reis é o Diretor-Geral do CENA.

Figura 37: Luiza e Rose ministrando oficina de animação de bonecos MOVI Olhos.



Fonte: Alice Lira, Cinese Audiovisual (Vila Mamulengo, Olhos d'Água/GO/2023)

2. A batida do tarol que reverbera

2.1 Projetos

Passando para o momento presente, iremos adentrar agora em dois projetos, o *Bonecos de todo mundo* (Festival Internacional de Teatro Popular de Bonecos) e o *Mamulengo vai à escola*.

O *Bonecos de todo mundo* (figura 38 e 39) é um projeto que traz artistas e grupos da linguagem de teatro de bonecos para se apresentarem em teatros, escolas públicas e no parque local da cidade de Taguatinga no Distrito Federal, o Taguaparque. Os encontros são inúmeros e o conhecimento é vasto, uma oportunidade única para quem gosta, brinca e estuda sobre o assunto. Há, ainda, a tradicional roda de conversa que promove trocas entre os artistas locais, internacionais e a comunidade, trazendo debates importantes voltados para o teatro de bonecos, o Mamulengo e como essa linguagem atua na educação patrimonial.

Figura 38: Rose e Luiza no 6º *Bonecos de todo mundo*



Fonte: Davi Mello (Taguatinga/DF/mar. 2024)

Figura 39: Luiza, Rodrigo Lelis e Rose no 7º *Bonecos de todo mundo*



Fonte: Davi Mello (Taguatinga/DF/maio/2024)

O projeto também conta com oficinas, que visam passar os ensinamentos técnicos da brincadeira, ao trabalhar com exercícios físicos, vocais e animação de bonecos. Contudo, variam de edição para edição. Às vezes, as oficinas acontecem nas escolas públicas para os estudantes e, em outros momentos, de forma aberta para o público geral no *Invenção Brasileira*. Ao todo já foram sete edições, sendo quatro presenciais, duas online¹⁹ e uma híbrida por conta da pandemia, sendo a primeira edição realizada em 2018 e a sétima em 2023.

Em entrevista, pedi para que Rose descrevesse um pouco do projeto, como ela se inseriu nele e o que ela mais gosta de executar, dentre as várias funções que ela exerce:

[...] o projeto é dela [da Clara], o Chico que faz a curadoria dos bonecos [quando ela diz “bonecos” ela quer dizer as apresentações] e ela das músicas, os show, quando cabe show, às vezes o projeto é pequenininho né, pouca grana como foi esse último que não teve show, agora quando é grande aí tem os shows. Em primeiro porque é da minha filha né, em primeiro lugar é isso, assim o que eu puder fazer para ajudar e contribuir para o Festival ser da melhor forma eu tô à disposição, mas o que eu mais gosto do festival é fazer o que eu faço que é as exposições, receber os grupos locais, que eu atendo os grupos locais, têm alguns grupos que eu não conheço que eu fico conhecendo, então isso é bem legal (Entrevista com Rose, 2024).

¹⁹ Durante a edição online, fizeram uma ocupação no *Invenção Brasileira* e Rose recriou a cozinha para as transmissões em vídeo.

O *Mamulengo vai à escola* (figuras 40-42), por sua vez, é um projeto que leva kits de Mamulengo para as escolas públicas do DF. São, em média, 10 a 15 malas de material reciclável, com um terno de bonecos, uma tolda de alumínio tamanho médio para as crianças brincarem e um estandarte com o nome do projeto. Os kits são entregues junto a uma apresentação de Mamulengo e oficinas para os professores, movimento que evidencia que o projeto *Mamulengo vai à escola* é uma forma de dizer que é possível ensinar e aprender brincando.

Figura 40: Nalva, Chico e Rose, Clara e Nara no *Mamulengo vai à escola*



Fonte: Davi Mello (Taguatinga/DF/2022)

Figura 41: Chico no *Mamulengo vai à escola*



Fonte: Gabriela Pires (Taguatinga/DF/2022)

Figura 42: Rose e Nalva no *Mamulengo vai à escola*



Fonte: Davi Mello (Taguatinga/DF/2022)

Essas oficinas são voltadas especialmente para os formadores, com o objetivo de que eles possam conduzir a brincadeira em sala de aula. Trago aqui uma pequena parte dos objetivos do projeto para um melhor entendimento de como funciona:

na oficina voltada aos professores/funcionários serão abordados os seguintes temas: apresentação do Mamulengo, seu contexto histórico social, Mamulengo como patrimônio imaterial, técnicas e particularidades regionais, além de jogos dramáticos com bonecos. Trabalharemos sempre em um espaço de diálogo onde os professores/funcionários poderão tirar dúvidas relacionadas ao brinquedo.

Rose relata, em entrevista, como surgiu a ideia do projeto e a vontade de executá-lo:

partiu de um pensamento meu que era de que quando a gente vai na escola com o Mamulengo, que a gente tem outros projetos né, o Mamulengo Patrimonial, a gente tem o Festival de Bonecos Todo Mundo e aí eu via a alegria que era as crianças ver os teatros, não só de Mamulengo, mas o teatro como um todo de boneco. E eu achava que era pouco a gente apresentar e ir embora, então falei assim: porque não apresentar e deixar os bonecos para as crianças depois, os professores ter essa ferramenta que é o boneco, pode dar aula, pode pegar um tema, porque a escola ela sempre tá desenvolvendo vários temas ao longo do ano, então se deixar o boneco a gente pode contribuir com essa escala cultural. E foi aí que eu pensei, falei pro Chico: Chico, tenho essa ideia assim, assim, assim, aí eu queria desenvolver, queria fazer um projeto. E aí foi que eu falei com Clara, fiz o meu CEAC [Certificado de Entes e Agentes Culturais] que até então eu não tinha, foi aprovado, fizemos o primeiro projeto que foi aprovado e a partir daí eu comecei a deixar nas escolas o kit com a tolda e os bonecos, uma apresentação e uma oficina para os professores e a gente já tá indo para a terceira edição, a primeira já foi concluída a segunda estamos fazendo em execução e tá vindo a terceira em 2025 (Entrevista com Rose, 2024).

Há alguns anos, em meados de 2017, numa conversa informal com Rose, ela afirma que possui o certificado que lhe torna apta para exercer a profissão de atriz e, baseando-me nisso, perguntei se ela já chegou a cogitar dar aulas de teatro ou algo do tipo e ela respondeu que não, que não gostava muito, que não sabia ensinar. Às vezes me pego tendo este mesmo pensamento “não sirvo para ser professora, não sei ensinar”, mas o buraco é tão mais embaixo.

Em outra conversa, desta vez com meu pai, quando eu tinha cerca de 12 anos de idade, ele me perguntou se eu gostava de ler. Eu, com toda minha sinceridade, respondi que não e ele retrucou: “você sabe que para ser atriz precisa ler muito, né?”. Isso me deu um nó no estômago, me senti mal, pois não gostava assumir isso sabendo que ele estava certo, eu era só uma criança que naquela época estava descobrindo o mundo virtual e parecia que só isso importava.

Enquanto escrevo estas palavras, reflito e entendo que, à época, eu só não sabia exatamente sobre o que eu gostava de ler e isso me pega tão forte hoje, porque eu descobri que tenho gosto para a leitura, mas não do jeito que era cobrado. Existem diversos tipos de leitura assim como existem diversos tipos de pedagogia. Logo, é evidente que tanto eu como minha mãe apenas não sabíamos como gostaríamos de estar inseridas nesse lugar enquanto arte-educadoras, que às vezes conserva uma linguagem tão cartesiana. Chico, em entrevista, fala um pouco sobre isso:

a gente deve fazer uma reflexão sobre educação sabe, para gente tirar essa ideia de que a educação é só o que é escolarizado, porque a nossa formação tá aí. Eu acho que se tivesse mais consciência de que a gente se forma no dia a dia, na convivência, no trabalho, que é aí que tá a educação, a gente viveria diferente, porque isso, a vida é a educação, para nós é a educação da convivência, aí que a gente aprende, a gente que não foi para escola como eu e sua mãe. Educação da convivência, a gente convive e se educa, se a gente tivesse consciência disso talvez as relações tivessem mais qualidade, é que a gente não tem consciência de que a gente está nesse momento se educando, o processo de educação é esse, a formação foi essa, não passa pela universidade, ela ensinou várias pessoas né, convivência, continua ensinando né, ou seja, é Mestra (Entrevista com Chico, 2024).

Em entrevista com Clara Nugoli, uma das pessoas que Rose formou durante sua vida, ela declara:

eu acho que tudo ajuda né, a experiência da minha mãe, a experiência do meu pai, a experiênciado meu vô que não tem nada a ver com isso, eu acho que tudo ajuda. Então é claro que a experiência que minha mãe teve, tem, me ajudou e me ajuda até hoje. Não tinha como não ser, porque era do convívio, não existia “não ser a referência” porque era a referência direta, então nem existe não ser a referência (Entrevista com Clara. 2024).

Essa fala da Clara me contempla novamente, pois eu também fui e sou uma formadora devido à influência de minha mãe, muito do que eu sei de produção executiva e apliquei, inclusive no *Cometa cenas*²⁰, aprendi escutando-a e observando-a. Quanto às crianças dos anos 90 até as crianças de hoje (ano de 2024 em diante), ofereço a seguinte fala de Chico:

[...] ela dá a cara, para mim ela dá a cara assim, na estética, o jeito de fazer e isso tudo fez escola, assim gera outras gerações, gente muito mais nova e fazendo coisas e produzindo também e com essa mesma estética, mas isso que eu vi, que eu acompanhei começa aí né, com a Rose, começa e continua (Entrevista com Chico. 2024).

Ainda em entrevista com Chico, ele aborda o que vislumbra para o futuro do Mamulengo vai à escola:

os projetos agora que a gente tem feito tem que contemplar isso, no Mamulengo Vai à Escola, é praticamente eu tô fazendo só a apresentação, já os bonecos, as malas, as toldas, a oficina né para ensinar outras pessoas brincarem já é Rose e a Nalva²¹ que tão fazendo e eu já falei que o meu projeto o próximo eu não fazer nem apresentação, elas apresentarem, então seria assim o básico, seria o sonho assim, de ver Rose brincando dentro da tolda com Nalva, com a companheira e ver o Mamulengo agora com esses outros conteúdos e com seus verdadeiros protagonistas(Entrevista com Chico 2024).

Clara explica um pouco sobre como foi para ela esse lugar da escrita dos projetos *Boneco de todo mundo* e *O Mamulengo vai à escola*:

[...] o primeiro projeto que eu escrevi eu passei com nota máxima, aí eu falei: bom, acho que eu sei fazer isso aí. E aí eu comecei a escrever o projeto, o primeiro projeto foi o Boneco de Todo Mundo, eu escrevi ele em 2016 e só consegui executar ele em 2018 por conta da burocracia que enfim demorou para depositar o dinheiro, várias coisas, mas esse foi o primeiro projeto que eu escrevi. A ideia do Bonecos de Todo Mundo é do meu pai, ele deu a ideia e aí eu desenvolvi, justificativa, objetivo, planilha orçamentária, cronograma de enfim, várias coisas. O Mamulengo Vai à Escola a ideia foi da minha mãe, a mesma coisa, a ideia era dela e eu desenvolvi a escrita dele. O Mamulengo Vai à Escola veio depois do Bonecos de Todo Mundo, eu olho hoje o primeiro projeto do Bonecos de Todo Mundo que eu escrevi e falo: como que isso passou com nota máxima? E eu tenho certeza que se eu apresentar o mesmo projeto ele vai tirar uma nota baixa, porque acho que as coisas mudaram, a concorrência aumentou, os pareceristas estão mais exigentes, então assim, a cada edital novo que sai uma coisa diferente a gente tem que colocar, uma coisa numa abordagem nova a gente tem que ter, uma ideia nova tem que ter ali, são projetos de continuidade, mas não são sempre o mesmo projeto, a escrita ela não é a mesma, a planilha orçamentária ela não é a mesma, e conforme você vai executando também, você vai vendo: ah isso aqui que eu escrevi lá

²⁰Cometa Cenas é uma mostra semestral do departamento de artes cênicas da UnB.

²¹ Nalva Sysnandes (Marinalva Alves de Sousa) é parceira de trabalho e de vida da Rose.

naquele projeto a execução não foi tão fácil ou não foi tão boa, então o próximo que eu escrever, eu vou escrever isso aqui diferente para poder executar diferente. [...] sempre vai mudando porque é isso, tem coisas que você vê que não cabe mais porque o edital tá exigindo mais e tem coisas que você vê que na prática não funcionou tão bem quanto você imaginou que funcionaria e por isso que você vai mudando (Entrevista com Clara, 2024).

Hoje, eu atuo como assistente de produção em ambos os projetos.

3.2 Rios que correm

Um dos frutos dessa relação entre Rose e o Mamulengo, resultado de anos de trabalho, é a Vila Mamulengo, um ponto cultural que fica localizado em Olhos d'Água, município de Alexânia (GO).

A Vila foi levantada por muitas mãos, muitas pessoas passaram por ela e outras ainda hão de passar. Foi assim que começou: uma construção aqui e outra ali e se formou um retângulo vazio no andar de cima de uma das casas, um cômodo que já foi museu de exposição de bonecos, ocupação de pessoas que precisavam pernoitar. Contudo, houve uma virada de chave foi quando, durante a pandemia, o espaço físico do *CENA Contemporânea* precisou ser fechado e os materiais da caixa preta²² foram doados para a Vila.

Foi uma movimentação para trazer tudo da Asa Norte, em Brasília, para Olhos d'Água, em Goiás. A partir daí, surgiu o teatro da Vila Mamulengo, onde aconteciam pequenas apresentações e diversas oficinas. Esse espaço foi utilizado para o próprio uso da comunidade e para a concentração do bloco de carnaval *Pinto Caipira*, bloco voltado para o público infante juvenil. Atualmente, é palco para projetos realizados a partir do fomento voltado para a cultura do Goiás. Chico fala um pouco sobre a formação da Vila em entrevista:

a Vila Mamulengo sou eu a diretoria eu, ela e a Clara, nós que somos a diretoria da Vila Mamulengo, quer dizer, a própria Vila Mamulengo, a ideia da Vila Mamulengo, de conviver, de ir construindo, isso são sonhos que vão sendo realizados e o sonho é um sonho né, para ele ser realizado é lógico que tem que envolver outras pessoas do sonho e é óbvio a presença dela nessa construção toda, desse projeto todo, do Mamulengo Presepada e mais recente esse projeto do Mamulengo Vai à Escola (Entrevista com Chico 2024).

²² Caixa preta é um termo utilizado na linguagem do teatro para denominar um espaço retangular com paredes ou cortinas pretas, simulando um palco italiano, porém numa escala menor.

A Vila surge a partir da necessidade de realizar atividades artísticas com fomento na cidade de Olhos d'Água. Para isso, a diretoria, como descrita por Chico, elaborou um estatuto, criou o CNPJ, realizou reuniões, formalizaram uma ata e abriram o instituto. No entanto, como o projeto estava localizado no estado de Goiás, era necessário apresentar projetos dentro do próprio estado, uma vez que não seria possível deslocar projetos inscritos e aprovados pela verba do DF.

Após efetivar toda a parte burocrática, os eventos ocorreram imediatamente, sendo realizados, fomentados, movimentados de modo que a Vila pôde se desenvolver financeiramente e culturalmente com o dinheiro público do Goiás.

Figura 43: *Mamulengo Presepada*



Fonte: acervo Vila Mamulengo (Olhos d'Água/GO/2019)

Figura 44: *Boi d'Água*



Fonte: acervo Vila Mamulengo (Olhos d'Água/GO/2023)

Rose é, formalmente, a tesoureira da Vila Mamulengo, mas ela exerceu diversas outras funções como administradora, como recuperação de bens materiais, construções, reformas. Quando a Vila foi pousada e café, ela quem tomou a frente, mas hoje ela atua mais na parte executiva dos projetos aprovados. Em entrevista, Rose descreve o que é a Vila Mamulengo para ela, mas mais que isso, ao escutar e transcrever, sinto que ela descreve a essência do que a Vila representa:

é uma roça que a gente colhia milho, melancia a Vila é isso, ela devagarzinho, a gente abriu espaço, tirou primeiro a plantação de mandioca, acho que era uns 100 pés para fazer as suítes, depois a gente tirou o milharal para fazer a casa onde hoje é o teatro, depois a gente abriu o caminho para fazer os adobes, fizeram dois mil tijolos de adobe onde é a Casinha da Dona Lembrança, aí depois a gente fez um galpão para guardar umas coisas, fizemos o presépio, era um galpãozinho, aí derrubamos para fazer a casa do Chico que é onde ele mora agora, então a Vila ela foi sendo construída devagarzinho, cada tempo aparecia uma coisa, cada tempo essa coisa virava outra coisa, até o que é hoje e daqui a pouco vai virar outra coisa (Entrevista com Rose, 2024).

Minha infância caminhou junto à formação da Vila, me lembro de chegar lá e ter apenas o galpão onde se dançavam boi. Minha casa foi construída em cima desse galpão e, ao redor, era tudo mato, esse mato se tornou plantação e das plantações. nasceram as casinhas da Vila gradualmente. Assim, eu cresci no meio

disso tudo e, no último dia 31 de maio (fim de semana de Feira do Troca²³), estávamos eu (Luiza), Ana Clara Neves e Maria Clara Abreu realizando o nosso primeiro ensaio aberto do *Mamulengo Ditas Bendizadas*.

Figura 45: Ana, Luiza e Maria



Fonte: Gabriela Vasconcelos (Olhos d'Água, GO. 2024)

Figura 46: Ana, Maria e Luiza



Fonte: Gabriela Vasconcelos (Olhos d'Água/GO/2024)

²³Tradicional feira da cidade que possibilitou o reconhecimento do artesão e o do título de capital do artesanato de Goiás.

Mamulengo Ditas Bendizadas é o nome do grupo que se formou entre nós três a partir da ideia de brincarmos de Mamulengo. Tudo começou no dia 19 de dezembro de 2023, estávamos no penúltimo dia do *74º Cometa Cenas* e, a partir de um choque de ideias, me questionei se iria mesmo pegar a disciplina Direção Teatral 1 junto ao TCC no próximo semestre, pelo fato de serem duas responsabilidades muito grandes para mim. Nesse momento, recebi um conselho do coordenador do *Cometa*, à época professor Jackson Tea, de que poderia colocar a direção no TCC e as engrenagens da minha cabeça começaram a girar.

No último dia do *Cometa*, numa conversa de bar, convidei a Ana Clara para fazermos uma direção colaborativa na disciplina de Direção Teatral 1 na UnB e a proposta seria levantar uma brincadeira de Mamulengo e dirigir uma terceira pessoa para animar os bonecos. Ana Clara já vinha trabalhando há algum tempo com a professora Maria Villar nos figurinos do *Mamulengo Fuzuê* do Thiago Francisco e era nítido o interesse dela pela linguagem, ela tem muito apreço pelos bonecos e pelo fazimento da coisa. Foi um instante de clareza chamá-la para esse projeto. Naquele dia me perguntei “como não tinha pensado nisso antes?”.

Começamos o processo devagar, com algumas conversas sobre o nosso projeto e, em fevereiro de 2024, convidamos a atriz Maria Clara Abreu para brincar. Foi um dia muito emocionante, pois Maria já tinha um histórico nesse contexto, mas havia muito tempo que ela não brincava e, certamente, não haveria outra escolha a não ser ela.

A partir de então, começamos nossa jornada, lendo referências, assistindo apresentações, comungando das raízes e dos ensinamentos que os mestres nos proporcionaram. Tivemos contato diretamente com Rose Nugoli, Chico Simões, Thiago Francisco, Maria Villar, Fabíola Rezende e Marília Abreu. Todos eles nos apoiaram de alguma forma, seja numa aula, numa ideia, com conselhos, financeiramente ou troca de saberes, foi de fato muito importante para a nossa construção. Nossa estreia acontecerá no *75º Cometa Cenas*, depois da defesa desta monografia, então não haverá relato dela neste corpo.

Considerações finais

Se estou aqui hoje, apta a escrever um Trabalho de Conclusão de Curso sobre um tema que pairou a minha existência, foi porque minha mãe o introduziu e fez questão de que meu contato com essas raízes não se findasse. O Mamulengo foi, e ainda é, o nosso sustento e quando eu digo “sustento” não me refiro somente à abundância cultural e educacional, mas também ao financeiro. É um jeito de viver, em todos os sentidos, desde a sobrevivência à própria existência, até para os bonecos continuarem existindo, fazendo sentido e tendo relevância. Contudo, esse “até para os bonecos” possui dois sentidos: o primeiro porque a própria brincadeira traz vida ao boneco, ele existe em São Saruê, mas só existe na Terra através da brincadeira; segundo pelo fato de a Rose nunca ter abandonado esse lugar, pois a experiência dela com cenografia e figurino lhe proporcionaram capacidades para trabalhar com a restauração dos bonecos, algo que ela exerce até hoje, fazendo com que eles sobrevivam ao tempo.

Rose sempre se dedicou a construir, junto com Chico, uma base para o Mamulengo aqui no DF. Articula oficinas de construção, animação e brincadeira de bonecos, como a *Oficina do Mané Gostoso*, e hoje fomenta projetos voltados para o Mamulengo brasiliense. É evidente o seu empenho constante em manter viva essa tradição que se tornou patrimônio cultural imaterial em 2015. Ela costurava as roupinhas, construía os bonecos, mas também subia boneco, animava, interpretava, brincou por mais de 10 anos contínuos na cidade, traçando uma linearidade entre ela e o Mamulengo no DF. Logo, uma história não dá para ser contada sem a outra.

Neste trabalho, vimos que a jornada de Rose foi marcada pela resistência, conquistando espaços que antes não eram ocupados por mulheres. O apagamento de sua presença é evidente; por exemplo, ao pesquisar o nome “Mamulengo Presepada” nas plataformas digitais, seu nome raramente é mencionado. Infelizmente, ela não é a única a passar por isso. Contar sua trajetória neste TCC, de forma que fique visível para aqueles que desconhecem sua história, é a reparação que busco realizar aqui. É a reparação do lugar que ela ocupa legitimamente, pois ela não invade nada, pelo contrário, ela conquista tudo. Assim, trago o reconhecimento de Rose como Mestra e primeira mulher mamulengueira do DF, que é exatamente o que ela é.

Há mulheres que atravessaram a caminhada de Rose pelo mundo e que também vêm tentando se reconhecer nesse espaço, porque são igualmente apagadas e invisibilizadas, como a Mestra Têê, Neide Nazaré e Schirley França, mencionadas anteriormente. Mulheres²⁴ que lutam por uma equidade necessária no universo brincante da cultura popular, arte-educadoras que atuam num contexto sociocultural e sociopolítico, artistas que contribuíram para as possibilidades serem abraçadas e acolhidas no Mamulengo, principalmente do Distrito Federal, mas também fora dele.

Todas bonequeiras e animadoras. Mestra Têê que adentrou cada vez mais no fazimento de bonecos e cenografia, Schirley que começou sua trajetória no DF, mas que escolheu abraçar o Brasil com sua arte-pedagogia e Neide, que também é mamulengueira, chegou ao DF no final da década de 80. Mamulengueira, em seu feitio, vem desse lugar de brincar Mamulengo, de animar os bonecos de luva (que hoje também compõem os de vara e os de pano), dentro de uma empanada ou tolda. Portanto, a defendo como a primeira mulher mamulengueira do DF que se tem registros nos dias de hoje.

Rose também formou muitas pessoas, seja em oficinas, rodas de conversa ou pela convivência. Parte dessas pessoas que eram crianças e adolescentes nos anos 90 e 2000 se não seguiram no rumo da arte, deduzo que ao menos carregaram consigo a memória do brincar e isso já vale um tanto. A outra parte que se manteve na vereda do saber está por aí, são nossos amigos parceiros de brincadeira, arte, diálogo, produção, troca. Isso se mantém até hoje, nos resultados frutos de suas ações, se torna tradição, uma tradição familiar. Esta monografia foi um verdadeiro desafio e eu não poderia fazer isso de outro jeito a não ser a partir da mestra da minha vida, a mulher que pegou um boneco de luva, colocou em sua mão, se dispôs a subir em riba na tolda e fazer desse gesto uma magia. Escrever sobre Mamulengo, a partir da experiência narrada por sua perspectiva através de suas vivências, é sinônimo de resistência, aquela que me deu à luz, minha mãe, Mestra Rose Nugoli.

²⁴ Para quem sentir de saber mais sobre a trajetória de cada uma é possível encontrar nos textos, sobre Têê: "Sim, mulher brinca mamulengo" por Fabíola Resende. Sobre Neide: "Mulheres Mamulengueiras" de Barbara Benatti, "Dossiê Interpretativo" e "Mamulengos do Distrito Federal" pelo IPHAN. E sobre Schirley: "Uma flor no mundo" pela própria Schirley França. Todos esses estão nas referências bibliográficas.

Referências

- AVELAR, Romulo. *O Averso da Cena: Notas sobre produção e gestão cultural*. Belo Horizonte: DUO editorial, 2010.
- BENATTI, Barbara D. *Mulheres Mamulengueiras – um estudo de caso em Glória do Goitá/PE*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- BROCHADO, Izabela. *Distrito Federal: o Mamulengo que mora na Cidade, 1990-2001*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.
- CARVALHO, Eliezer Faleiros. Breve panorama histórico do teatro brasileiro. In: VILLAR, Fernando Pinheiro, CARVALHO, Eliezer Faleiros (org.). *Histórias do teatro brasileiro*. Brasília, UnB, IdA, Artes Cênicas, 2004.
- CARVALHO, José Jorge. Notório saber para os mestres e mestras dos povos e comunidades tradicionais: uma revolução no mundo acadêmico brasileiro. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 54-77, 2021.
- Dossiê Interpretativo: Registro do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, Mamulengo, Cassimiro Coco, Babau e João Redondo como Patrimônio Cultural do Brasil*. Brasília: Minc; Iphan; UnB; ABTB, 2014.
- FERREIRA DA SILVA, Luanna; RESENDE, Fabíola; MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. Sim, mulher brinca mamulengo: narrativas de mulheres brincantes. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 50, 2024.
- FRANÇA, Schirley. *Uma flor no mundo: experiência educativa de uma brincante na carroca de mamulengos (Monografia)*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.
- NUGOLI, Rosângela. *Entrevista concedida a Luiza Nugoli (Produtora Cultural do DF – minha mãe)*. Entrevista pessoal, abr.-jul. 2024.
- NUGOLI, Clara. *Entrevista concedida a Luiza Nugoli (Produtora Cultural do DF – minha irmã)*. Entrevista pessoal, jul. 2024.
- SIMÕES, Francisco. *Entrevista concedida a Luiza Nugoli (Mamulengueiro – amigo)*. Entrevista pessoal, jul. 2024.
- SANT’ANNA, Chico. *Teatro da Praça de Taguatinga: uma breve história*, 2020. Disponível em: <https://chicosantanna.wordpress.com/2020/10/30/teatro-da-praca-de-taguatinga-uma-breve-historia/>. Acesso em: Julho de 2024.
- TEIXEIRA RIBEIRO, Kaise Helena. O Mamulengo em Brasília – O caso de um estudo de caso. *Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*, Florianópolis, v. 1, n. 15, p. 84-98, 2018.
- VILLAR, Maria (org.). *Mamulengos do Distrito Federal: patrimônio cultural do Brasil*. Brasília: IPHAN, 2020.

Apêndice A: Álbum de fotos

Figura A- 1: Carlos Henrique Nugoli, Ana Soares da Silva, e Rose Nugoli



Fonte: acervo familiar(São Paulo, 1964)

Figura A- 2: Ana Soares da Silva e Carlos Nugoli



Fonte: acervo familiar(São Paulo, 1957)

Figura A- 3: Dante Antônio Nugolli



Fonte: Sem local. Sem data

Figura A- 4: Anna Ferrari



Fonte: Sem data. Sem local

Figura A- 5: Flora Maria de Jesus e João Soares da Silva



Fonte: sem data. Sem local.

Figura A- 6: Flyer de Uma Pitada de Sorte



Fonte: acervo Grupo Retalhos (Taguatinga/DF/1980-84)

Figura A- 7: Apresentação do Marechal Boi de Carro



Fonte: acervo Grupo Retalhos(Areal/DF/1982)

Figura A- 8: Rose na apresentação do Marechal Boi de Carro



Fonte: acervo Grupo Retalhos (Areal/DF/1982)

Figura A- 9: Espetáculo Vida de Retirante, Rose e Miquéias no Teatro da Praça



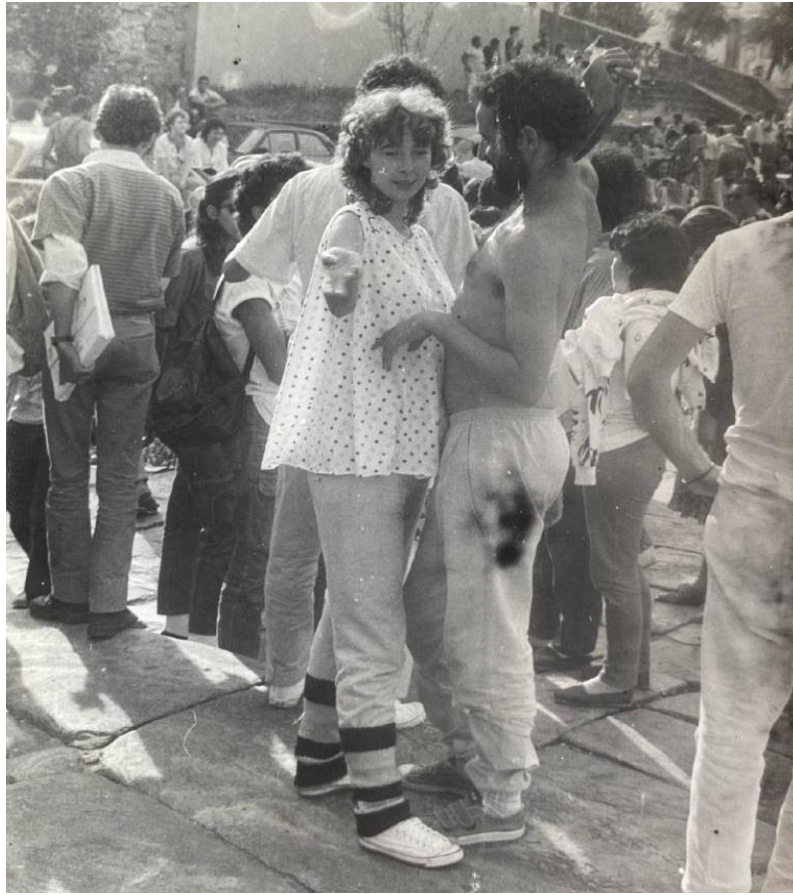
Fonte: acervo Grupo Retalhos (Taguatinga/DF/1982)

Figura A- 10: Chico Simões e Mestre Solon



Fonte: acervo familiar (Carpina/PE/1983)

Figura A- 11: Rose e Chico na CONFENATA



Fonte: acervo familiar (Ouro Preto/MG/1986)

Figura A- 12: De Brasil, los "Mamulengos" (Jornal da cidade)

Página 14 • ESPECTACULO INFANTIL

Buenos Aires, sábado 29 de noviembre de 1986 CLARIN •

De Brasil, los "Mamulengos"

Especialmente invitados al I Festival Latinoamericano para la Infancia y la Juventud de Necochea, dialogó con Clarín el grupo brasileño "Mamulengos Presepada". Actuó en Neuquén, en el Festival de Teatro Callejero y en zonas aledañas de la Capital Federal, instrumentando diversos talleres de títeres y teatro participativo.

De acuerdo con la historia teatral y el diccionario del folklore brasileño de Luis de Câmara Cascudo, se considera que en un poblado llamado Olinda, surgieron en el siglo XVI, dos formas teatrales, una pastoril con actores y otra "mamulengo" con muñecos. Se supone que los muñecos, títeres o marionetas (con todas sus variantes) llegaron al Brasil con los primeros conquistadores.

Cuando se inició el período colonial, el teatro de muñecos se encontraba en pleno desarrollo en toda Europa. La práctica del teatro de títeres se fue extendiendo con carácter popular paulatinamente hacia todas las regiones de Brasil. Actualmente en cada una de ellas recibe un nombre diferente, en Mina Gerais y San Pablo son conocidas como João Minhoca o Briguelas, en Bahía, Mané Grosso; en Río Grande del Norte y Paraíba, João Redondo o Babau. En Piauí son llamados Cassimiro Coco y finalmente en Pernambuco donde encontraron una penetración más popular, Mamulengos. La aparición del teatro de muñecos en los diversos países y continentes, estuvo siempre ligada a una faz religiosa. En Pernambuco los Mamulengos nacieron bajo estos principios, pero poco a poco fueron perdiendo el carácter religioso tornándose cada vez más profano hasta constituir una manifestación netamente popular del nordeste.

Dotados de un extraordinario poder de comunicación e improvisación, los mamulengueiros o titiriteros, hombres muy simples y en su mayoría analfabetos, son los responsables de mantener la tradición.

Herederos de ese patrimonio se encuentran en Buenos Aires, luego de participar en el Festival de Teatro Callejero de Neuquén, el grupo Mamulengos Presepada de Brasilia. Está integrado por Francisco Simões de Oliveira Neto, Rosângela Aparecida Nugoly Simões, Eduardo Rodrigues Alves y Clara Simões. Después de participar en el Encuentro Internacional de Educación de Base que se llevará a cabo en Montevideo (Uruguay), regresarán a nuestro país especialmente invitados para actuar en el Festival Latinoamericano para la Infancia y la Juventud de Necochea en enero de 1987. "Siempre que nos encontramos en una comunidad diferente — cuentan a Clarín — tratamos de trabajar con los vecinos para crear grupos de comunicación y talleres de arte en muñecos con niños y adultos".

—¿Ustedes utilizan el títere solo a nivel educativo?—
No vemos la diferencia entre teatro y educación. Nosotros entendemos el teatro como una forma de vida y la educación como una forma teatral. No lo comprendemos como compartimentos estancos o separados. Nuestra propuesta consiste en que la vida y la experiencia teatral marchan juntas y no se enfrentan.

—¿Trabajan con un tema específico en la calle o lo improvisan a partir de lo que el espectador les propone?—
Partimos de una estructura propia, pero lo ampliamos con los elementos que el público nos va acercando. Establecemos un primer contacto y a partir de la respuesta de los espectadores vamos construyendo los juegos de comunicación y cambio con ellos.

—La temática ¿cuál sería?—
En la actualidad tomamos Historia de amor y guerra en la tierra de los mamulengos. Trata sobre los derechos de los individuos. Además incorporamos la dificultad que tenemos con el idioma. Al principio teníamos miedo de venir, pero aquí comprobamos que el ser humano responde de la misma manera en cualquier rincón del mundo. El pueblo argentino es muy cálido, afectivo y fundamentalmente participativo. Esa conducta nos facilitó un verdadero intercambio de tradiciones y culturas.

B. I.

Fonte: acervo familiar (Jornal da cidade/Buenos Aires/1986)

Figura A- 13: Oficina do Mané Gostoso



Fonte: acervo familiar (M Norte/Taguatinga/DF/1987)

Figura A- 14: Grupo Camaleão participa do FIT com a peça 'Viva o Boi Voador'

sp sudeste | Sábado, 23 de março de 1991 - FOLHA DE S. PAULO

Grupo Camaleão participa do FIT com a peça 'Viva o Boi Voador'

Da Reportagem Local

O grupo brasileiro Camaleão, que apresentará o teatro de mamulengos "Viva o Boi Voador" hoje na Mostra Oficial do FIT, pretende se instalar em Campinas.

O Camaleão é resultado da junção dos grupos Retalho Mamulengo Presepada e de grupos de trabalho com arte-educação. Há um ano José Regino, Chico Simões e Rose Nugoli formaram o Camaleão.

Eles decidiram abandonar Brasília como sede e buscar outros espaços para se apresentar. O grupo pesquisa as formas e expressões teatrais através do teatro de bonecos.

Desde então percorreram o interior de São Paulo, em Tocantins e Nova Friburgo (RJ). O Camaleão se apresenta em praças, escolas e teatros.

O grupo desenvolve trabalhos de animação de objetos, construção de personagens e de histórias com estudantes de 1º e 2º graus.

Nas oficinas de teatro, o grupo difunde a criação de bonecos a partir de materiais diversos como papel, madeira, plástico, tecido, barbante, isopor e espuma.

Os temas básicos das apresentações são, entre outros, o Mamulengo, o Pastoreio, o Reisado, o Bumba-Meu-Boi. Há um grande espaço para a improvisação. Os espetáculos são recriados de acordo com o público e as regiões visitadas.

O Boi Voador é baseado na estrutura dramática do Bumba-Meu-Boi. O grupo utiliza 16 bonecos, além de números de mágica e ventriloquismo. Eles buscam uma relação lúdica com a platéia.

O grupo se apresentou ontem no largo de Rosário e pretende fazer "apresentações surpresa" em vários pontos da cidade. Eles esperam contatos de interessados pelo trabalho na r. José Ferreira da Silva, 194, Parque da Figueira, Campinas.

Fonte: Folha de Paulo (São Paulo, 1991)

Figura A- 15: Rose e Chico no Ensaio de *O Boi Voador*



Fonte: Leila Paes (DF, 1990)

Figura A- 16: Rose, Chico e Zé Regino no Espetáculo *O Boi Voador*



Fonte: Ivaldo Cavalcante (Ceilândia/DF/1990)

Figura A- 17: Rose, Chico e Zé Regino no Espetáculo *O Boi Voador*



Fonte: Ivaldo Cavalcante (Ceilândia/DF/1990)

Figura A- 18: Rose, Zé Regino e Chico no Espetáculo *O Boi Voador*



Fonte: acervo familiar (Piracicaba/SP/1989)

Figura A- 19: Encontro Nacional de Teatro de Rua de Campinas



Fonte: acervo familiar (Campinas/SP/1992)

Figura A- 20: Clara e Helena na construção do galpão do boi



Fonte: acervo familiar (Olhos d'Água/GO/1997)

Figura A- 21: Rose e Clara à esquerda da Carroça de Mamulengos



Fonte: acervo familiar (Olhos d'Água/GO/1994)

Figura A- 22: Clara



Fonte: acervo familiar (Caldas da Rainha/Portugal/1999)

Figura A- 23: Boneca Mamãe Taguá



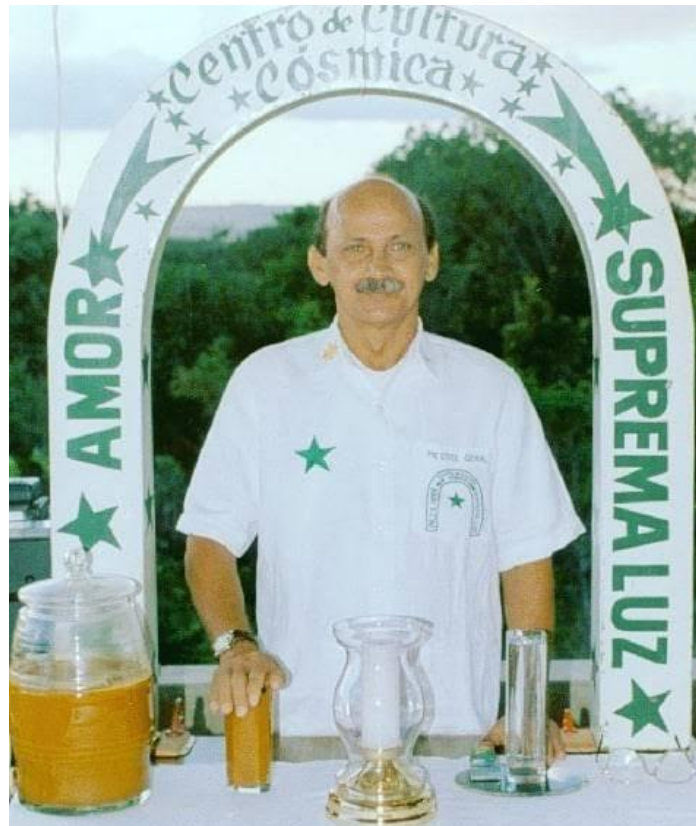
Fonte: acervo familiar (Taguatinga/DF/1995)

Figura A- 24: Rose na Produção do *Mamãe Taguá*



Fonte: acervo familiar (Taguatinga/DF/1995)

Figura A- 25: Mestre Francisco



Fonte: acervo CCC (Centro de Cultura C\u00f3smica, 1996)

Figura A- 26: Fl\u00e1via Feres, Rose Nugoli, Mestre Francisco e Leena Anjini



Fonte: acervo familiar (Centro de Cultura C\u00f3smica, 1998)

Figura A- 27: Luiza



Fonte: acervo familiar (Centro de Cultura C3smica, 2002)

Figura A- 28: Chico, Monalisa Cedro e Luiza²⁵ no *Inven33o Brasileira*



Fonte: acervo familiar(Taguatinga/DF/2003)

²⁵Monalisa e Luiza est33o abra33adas na primeira fileira. Monalisa 33 filha de Walter Cedro do Mamulengo Sem Fronteiras.

Figura A- 29: Luiza (acima da mala aberta) no *Invenção Brasileira*



Fonte: acervo familiar(Taguatinga/DF/2003)

Figura A- 30: Crianças²⁶ no *Invenção Brasileira*



Fonte: acervo familiar (Taguatinga/DF/2003)

²⁶Da esquerda para a direita temos: na terceira fileira, Débora Simões de blusa rosa e faixa amarela, Valéria Simões de blusa laranja e em seu colo sua filha Dora Simões. Segunda fileira, Felipe Cedro batendo palmas de blusa azul. Terceira fileira, na esquerda das trigêmeas temos Helena Montanha de blusa branca sorrindo para o lado, na direita das trigêmeas temos em sequência Isabel Gomide, João Gomide, Luzia Gomide, Pedro Gomide e Matheus Gomide.

Figura A- 31: Rose no *Invenção Brasileira*



Fonte: acervo familiar (Taguatinga/DF/2004)

Figura A- 32: Oficina de Bonecos no *Invenção Brasileira*



Fonte: acervo familiar (Taguatinga Sul/DF/2004)

Figura A- 33: Circo da União



Fonte: acervo familiar(Olhos d'Àgua/GO/Sem data)

Figura A- 34: Boi de Seu Teodoro no *Invenção Brasileira*



Fonte: acervo familiar (Taguatinga/DF/2003)

Figura A- 35: Boneca Cora Coralina e Rose



Fonte:acervo familiar (M Norte/Taguatinga/DF/1988)

Figura A- 36: Rose



Fonte: acervo familiar (Sem local. Sem data)

Figura A- 37: Presépio no barraco da Vila Mamulengo



Fonte: acervo familiar.(Olhos d'Água/GO/2011)

Figura A- 38: Presépio no barraco da Vila Mamulengo



Fonte: acervo familiar.(Olhos d'Água/GO/2011)

Figura A- 39: Nalva no Festival Invenção Brasileira



Fonte: acervo familiar (Taguaparque/DF/2013)

Figura A- 40: Léo Lima, Clara Nugoli, Nalva Sysnandes, Flávia Felipe, Rose Nugoli e Chico Simões no Festival Invenção Brasileira



Fonte: acervo familiar (Taguaparque/DF/2013)

Figura A- 41: Chico Simões, Mel Monteiro e Luiza plantando a árvore Baobá na Vila



Fonte: Débora Simões (Olhos d'Água/GO/2014)

Figura A- 42: Vila Mamulengo



Fonte: Chico Simões(Olhos d'Água/GO/2020)

Figura A- 43: Boi d'Água



Fonte: Luiza Nugoli (Olhos d'Água/GO/2023)

Figura A- 44: Clara e Rose no *Bonecos de todo mundo* – Ocupação do *Invenção Brasileira*



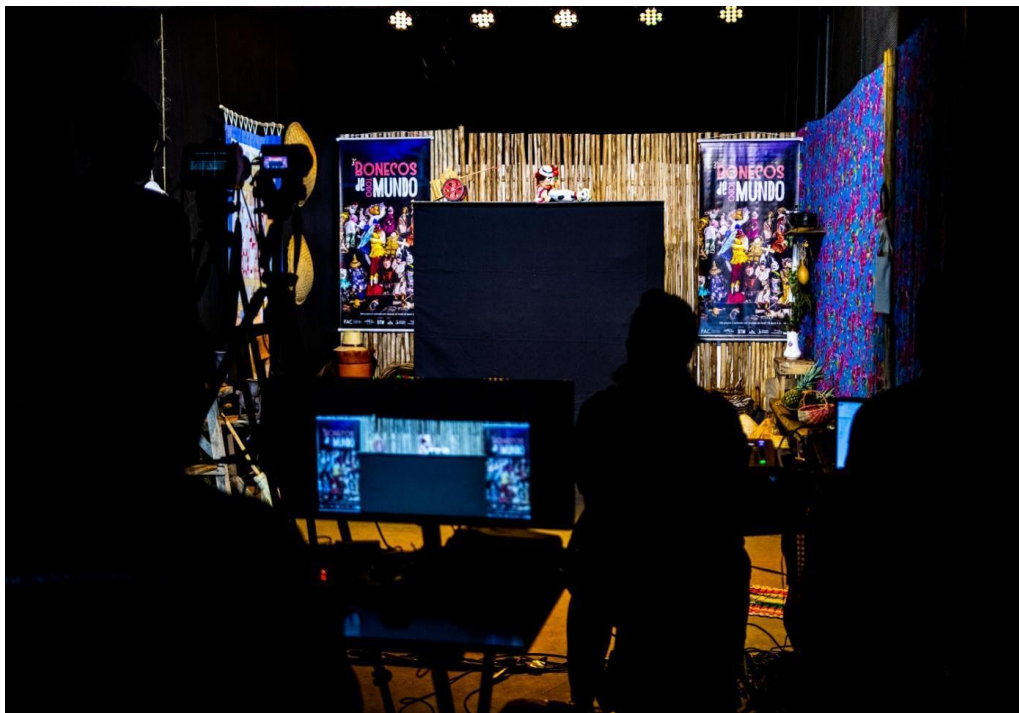
Fonte: Davi Mello, 2022

Figura A- 45: Bonecos de todo mundo – Ocupação do Invenção Brasileira



Fonte: Davi Mello, 2022

Figura A- 46: Bonecos de todo mundo – Ocupação do Invenção Brasileira



Fonte: Davi Mello, 2022

Figura A- 47: *Bonecos de todo mundo – Ocupação do Invenção Brasileira*



Fonte: Davi Mello, 2022

Figura A- 48: *Bonecos de todo mundo no Teatro SESI*



Fonte: Davi Mello, 2023

Figura A- 49: *Bonecos de todo mundo em Taguatinga/DF*



Fonte: Davi Mello, 2023

Figura A- 50: *Bonecos de todo mundo no Invenção Brasileira*



Fonte: Davi Mello, 2023

Figura A- 51: *Bonecos de todo mundo* no Teatro SESI



Fonte: Davi Mello, 2023

Figura A- 52: Rose, Nara e Nalva no *Mamulengo vai à escola* em Taguatinga



Fonte: Gabriela Pires, 2022

Figura A- 53: *Mamulengo vai à escola em Taguatinga*



Fonte: Gabriela Pires, 2022

Figura A- 54: *Mamulengo vai à escola em Taguatinga*



Fonte: Davi Mello, 2022

Figura A- 55: Chico Simões no *Mamulengo* vai à escola em Taguatinga



Fonte: Davi Mello, 2022

Figura A- 56: Nalva Sysnandes, Ana Eliza, Bárbara Bueno e Rose Nugoli no CENA Contemporânea



Fonte:acervo CENA (Brasília/DF/2022)

Figura A- 57: Rose e Clara no CENA Contemporânea (CCBB, Brasília)



Fonte: Humberto Araújo, 2023

Figura A- 58: Lazzari e Luiza no CENA Contemporânea (UnB, Brasília)



Fonte: Humberto Araújo (2023)

Figura A- 59: Luiza Brincando com a Rosinha do Mamulengo Presepada



Fonte: Foto de Davi Mello (Projeto Mamulengo Vai à Escola na Escola Classe Kanegae/Riacho Fundo I/2024)²⁷

²⁷Neste dia, Luiza brincou pela primeira vez dentro da tolda do Presepada a convite de Chico.